

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**INSTITUTO DE FILOSOFIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

**RAQUEL TIBERY ESPIR**

**A FILOSOFIA DE MARY BAKER EDDY:**  
**ciência, religião e construção da autonomia feminina no século XIX**

**Uberlândia**

**2023**

**RAQUEL TIBERY ESPIR**

**A FILOSOFIA DE MARY BAKER EDDY:**

**ciência, religião e construção da autonomia feminina no século XIX**

**Dissertação de mestrado apresentada ao  
programa de pós-graduação do Instituto de  
Filosofia da Universidade Federal de  
Uberlândia**

**Orientador: Profº Dr. José Benedito  
Almeida Jr.**

**Uberlândia  
Setembro 2023**



Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU  
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

E77 2023	<p>Espir, Raquel Tibery, 1978- A Filosofia de Mary Baker Eddy [recurso eletrônico] : ciência, religião e construção da autonomia feminina no século XIX / Raquel Tibery Espir. - 2023.</p> <p>Orientador: José Benedito de Almeida Jr.. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Filosofia. Modo de acesso: Internet. Disponível em: <a href="http://doi.org/10.14393/ufu.di.2023.593">http://doi.org/10.14393/ufu.di.2023.593</a> Inclui bibliografia. Inclui ilustrações.</p> <p>1. Filosofia. I. Jr., José Benedito de Almeida, 1965-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós- graduação em Filosofia. III. Título.</p> <p>CDU: 1</p>
-------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:  
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091  
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

**Raquel Tibery Espir**

**“A FILOSOFIA DE MARY BAKER EDDY:  
ciência, religião e construção da autonomia feminina no século XIX”**

Dissertação de mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em Filosofia da  
Universidade Federal de Uberlândia  
Area de concentração: História, Sociedade e  
Cultura

Uberlândia, 30 de novembro de 2023

Banca Examinadora

---

Prof.º Dr.º José Benedito de Almeida Junior  
(Orientador – UFU)

---

Profa. Dra. Vânia Aparecida Martins Bernardes  
(Examinadora- ICHPO/UFU)

---

Profa. Dra. Fernanda Cássia dos Santos  
(CAP-ESEBA-UFU)



## UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Filosofia  
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1U, Sala 1U117 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-  
MG, CEP 38400-902  
Telefone: 3239-4558 - www.posfil.ifilo.ufu.br - posfil@fafcs.ufu.br



### ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Filosofia				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, 012/23, PPGFIL				
Data:	Trinta de Novembro de dois mil e vinte três	Hora de início:	15:00	Hora de encerramento:	17:30
Matrícula do Discente:	12112FIL018				
Nome do Discente:	Raquel Tibery Espir				
Título do Trabalho:	A Filosofia de Mary Baker Eddy: ciência, religião e construção da autonomia feminina no século XIX				
Área de concentração:	Filosofia				
Linha de pesquisa:	História, Sociedade e Cultura				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Concepções de conhecimento e antropologia na história do pensamento ocidental				

Reuniu-se no Anfiteatro/Sala 1U 106, Campus Santa Mônica, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Filosofia, assim composta: Professores Doutores: Vânia Aparecida Martins Bernardes (ICHPO/UFU); Fernanda Cássia dos Santos (ESEBA) e José Benedito de Almeida Júnior orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). José Benedito de Almeida Júnior, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **José Benedito de Almeida Junior, Professor(a) do Magistério Superior**, em 01/12/2023, às 18:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vânia Aparecida Martins Bernardes, Professor(a) do Magistério Superior**, em 28/12/2023, às 13:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Cássia dos Santos, Professor(a) do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico**, em 26/01/2024, às 09:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5012054** e o código CRC **17AC677E**.

**Referência:** Processo nº 23117.085084/2023-36

SEI nº 5012054

## AGRADECIMENTOS

In memoriam, ao meu mestre *Enrique Smeke*, que ternamente me abriu às portas para o estudo da metafísica de M.B. Eddy num outono em Havana, Cuba, em 2015 e esteve guiando o caminho até 2020.

À *Dulcinea Torres*, amiga, praticista e enfermeira da Ciência Cristã.

Ao meu orientador, *prof. Dr. José Benedito*, que aceitou o desafio e a aventura dessa pesquisa ao meu lado, pela paciência que traz segurança e tranquiliza; por me dar todo o suporte para não desistir.

Ao *prof. Dr. Humberto Guido*, que me introduziu às leituras de Deleuze e Guattari e me incentivou por tanto tempo a me inscrever no Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFU.

Ao querido colega, *Fabricio Marçal Vilela*, do Núcleo de Estudos de Gênero (NEGUEM/InHis/UFU) pela troca e compartilhamento de leituras.

Ao meu filho, *Arthur*.

A *Eduardo Marra*, meu companheiro, pelo amor e apoio incondicional todos os dias.



## RESUMO

Este trabalho consiste em atravessamento micropolítico. Trata-se de um resgate filosófico à academia brasileira, de uma pensadora que, durante a segunda metade do século XIX, na região da Nova Inglaterra, Estados Unidos, fundou a Faculdade de Metafísica de Massachussets. Mary Baker Eddy é mais uma dessas mulheres que não constam no Cânon e nem tem sua obra debatida nas universidades ou dentro das salas de aula de História da Filosofia. Entretanto, é autora de uma obra densa que transita entre diferentes áreas de estudo, especialmente entre a Filosofia e a Teologia. A autora apresenta um conceito inovador, e deveras polêmico, para uma sociedade fundamentada em valores protestantes e na moral vitoriana: o da *maternidade* do Deus da bíblia. Eddy criou seu próprio conceito de metafísica e desenvolveu, a partir dele, um sistema de cura pelo pensamento fundamentado nos escritos bíblicos. Sua obra rendeu-lhe milhares de seguidores e tomou-a uma das mulheres mais influentes e notórias de sua época. A partir de uma atitude cartográfica, transitamos pelo devir-mulher da filósofa e pontuamos os principais aspectos de sua trajetória e de seus apontamentos filosóficos.

**Palavras-chave:** mulheres na Filosofia, metafísica, Ciência Cristã, gênero, devir-mulher

## ABSTRACT

This work consists of micropolitical crossing. It is a philosophical rescue to the Brazilian academy of a thinker who, during the second half of the 19th century, in the region of New England, United States, founded the Massachusetts Metaphysical College. Mary Baker Eddy is another one of those women who is not included in the Canon and does not have her work debated at universities or during the History of Philosophy classrooms. However, she is the author of a masterpiece that moves between different areas of study, especially between Philosophy and Theology. The author presents an innovative and, indeed, controversial concept for a society based on Protestant values and Victorian morality: the motherhood of God. Eddy created his own concept of metaphysics and developed, from it, a system of mental, or spiritual, healing based on biblical writings. Her work earned her thousands of followers and made her one of the most influential and notorious women of her time. From a cartographic attitude, we move through the philosopher's becoming-woman and highlight the main aspects of her trajectory and her philosophical notes.

**Keywords:** metaphysics, Christian Science, gender, women in Philosophy, becoming-woman

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1 – CONHECENDO MARY BAKER EDDY .....</b>	<b>19</b>
<b>1.1 - Por que estudá-la? .....</b>	<b>19</b>
<b>1.2 - Breve Biografia de Mary Baker Eddy .....</b>	<b>26</b>
<b>1.3 – A Epifania e seus desdobramentos .....</b>	<b>33</b>
<b>CAPÍTULO 2: A OBRA DE MARY BAKER EDDY .....</b>	<b>37</b>
<b>2.1. Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras .....</b>	<b>37</b>
<b>2.2. O Conceito de Metafísica na Obra de Mary Baker Eddy .....</b>	<b>47</b>
<b>CAPÍTULO 3: CONCLUSÃO .....</b>	<b>58</b>
<b>4. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO .....</b>	<b>72</b>
<b>ANEXO I .....</b>	<b>75</b>

## INTRODUÇÃO

Em tempos onde os estudos feministas e de gênero apontam para a urgência da retratação histórica para com as filósofas, proposital ou “naturalmente”, apagadas dos anais filosóficos ocidentais; em tempos nos quais a filosofia – identificada tradicionalmente como uma área do pensamento especulativo – assim como a matemática ou as ciências, ainda não são para mulheres, uma vez que desde muito jovens, na escola, as meninas começam a perceberem-se limitadas por parâmetros de identificações de gênero; torna-se essencial trazer a público o pensamento de mulheres como Mary Baker Eddy.

No momento atual, em que urge a luta contra os fascismos – os dos outros e aqueles internalizados em nós – a partir da compreensão das distintas formas de poder e de controle, e do entendimento da natureza interligada das opressões para que, politicamente, as lutas caminhem juntas, sem hierarquização e; finalmente, quando a Academia tem nos chamado à atenção para necessidade de darmos visibilidade à essas mulheres, visto que, como tem nos chamado a atenção inúmeras pesquisadoras do campo filosófico, a famosa coleção *Os Pensadores*, em seus 52 volumes de 25 séculos de filosofia, desde os pré-socráticos, não contém nenhuma pensadora, este trabalho propõe-se, assim, a estudar a obra de uma pensadora, teóloga e filósofa estadunidense ainda precariamente lida na academia brasileira: Mary Baker Eddy.

Compartilho do entendimento de Nancy Fraser de que as injustiças contra a mulher estão imbricadas e são reforçadas continuamente, e sucessivamente, uma vez que são econômicas (materiais) e, igualmente, culturais (simbólicas), mantendo entre si uma relação perversa, perenizando, ao mesmo tempo, as normas androcêntricas e os obstáculos para a entrada da mulher na vida pública. A precarização racional, moral e política da mulher tem sido notória ao longo de séculos, mas também sua precarização material e sujeição ao patriarcado, desde a dependência financeira à objetificação dos nossos corpos.

A partir deste entendimento e, portanto, o de que numa sociedade pluricultural e profundamente marcada pela opressão como a nossa, todas as formas de luta pela emancipação da mulher importam, desde a luta contra a violência doméstica e pelo reconhecimento do trabalho reprodutivo, à redistribuição de renda ou à visibilidade de todas e de todos os corpos, evidencio que as pensadoras precisam ocupar seu merecido lugar e terem reconhecimento e reparação histórica.

A metafísica é tema cânone nos anais filosóficos e teológicos ocidentais e, apesar de, tradicionalmente, não formar parte dos estudos feministas, existiram mulheres que lutaram por ocupar espaços nessa área de estudos e que merecem ter visibilidade e reparação enquanto

intelectuais que foram. Sabemos que os eixos da opressão operam simultaneamente; logo, dar visibilidade à Mary Baker Eddy, uma mulher que fundou uma faculdade de metafísica no século XX, uma progressista que, ainda que não tenha militado na macropolítica, escrito sobre feminismos, questões de gênero ou direitos da mulher, convida-nos a pensar por meio de toda sua obra e sua trajetória de vida também sobre estas pautas e faz micropolítica ao transitar por novos territórios.

O projeto inicial desta dissertação era somente trabalhar os conceitos metafísicos e filosóficos de Eddy de forma comparativa com filósofos que se debruçaram sobre este tema; porém, o ingresso no programa de pós graduação da Universidade Federal de Uberlândia, coincidiu, por um lado, com o acirramento das lutas contra às diferentes formas de opressão e o protofascismo operacionalizado pela ascensão da extrema direita ao governo do país e, por outro, ao período de isolamento pandêmico e às dificuldades inerentes ao mesmo.

O formato que este texto acabou por adquirir, portanto, foi fruto de um processo muito particular de amadurecimento dentro de minha militância e ativismo nas lutas feministas e pelas liberdades democráticas, intensificados neste momento em que o país se viu diante de uma luta cultural, tendo a questão de gênero no centro e em que foi preciso estar no *front* contra uma política de desmonte de direitos adquiridos ao longo de décadas pelas mulheres. Destarte, paralelamente à esta pesquisa, estive participando na composição do diretório municipal do maior partido de esquerda brasileiro (e da América Latina), devido à necessidade ululante que sentia em atuar de maneira prática e na linha de frente. Para além da micropolítica, era necessário fazer também macropolítica.

Ao mesmo tempo, assumi a presidência do Conselho Municipal dos Direitos das Mulheres de Uberlândia (CMDM), a vice-presidência da ONG SOS Mulher e Família de Uberlândia e trabalhei como assessora de uma vereadora de esquerda e ativista em prol dos direitos das mulheres na Câmara Municipal de Uberlândia. Estive, neste período e ainda hoje, integrando o NEQUEM - Núcleo de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Uberlândia, programa do Instituto de História em parceria com outros institutos da UFU, que possibilitou ter um assento formal da diretoria do CMDM e contribuiu, com suas reuniões, debates – por vezes acalorados – e propostas de leitura, enormemente para minha formação.

Como presidente do CMDM e em parceria com a Comissão da Mulher da Filosofia (UFU) organizei e fui a curadora de um curso intitulado *Feminismos para Construção da Autonomia*, ministrado online, durante 3 meses no auge da pandemia. Se inscreveram mais de 800 pessoas, de todo o país, também estrangeiros lusófonos e hispânicos, que tiveram a oportunidade de participar das sessões em plataforma virtual ao vivo ou assistirem

posteriormente no canal do *Youtube* da Central de Movimentos Populares do Triângulo Mineiro<sup>1</sup>. As aulas deste curso contaram com mulheres integrantes da Rede de Enfrentamento à Violência Doméstica do Estado de Minas Gerais, como defensora pública, delegada de mulheres, vereadoras e deputadas, médicas ativistas pelos direitos reprodutivos, pesquisadoras e pesquisadores, militantes e ativistas do feminismo negro, do ecofeminismo e da teoria queer.

Penso que filosofia não está separada das lutas e é preciso trazê-la para o processo objetivo nas diferentes esferas da vida, que são também políticas. É fundamental que se ensine e que se estude gênero nas escolas.

Segundo a filósofa e professora Yara Frateschi<sup>2</sup>, editora do blog *Enciclopédia Mulheres na Filosofia* da Unicamp, nós mulheres, pesquisadoras, na atualidade, temos realizado um trabalho “arqueológico” de resgate da memória dessas filósofas apagadas, uma vez que a História da Filosofia ocidental constitui, em si, a reiteration do preconceito sexista. O cânone filosófico foi contado por homens, feito para homens e é povoado por homens. Aristóteles entende que está dado à mulher o cuidado da família; Rousseau afirma que a mulher não é capaz de uma racionalidade especulativa uma vez que possui apenas uma racionalidade prática, feita para cuidar da casa e administrar o lar e chega a dizer que a mulher intelectual é o flagelo de seus filhos, de seu marido e de uma sociedade; Pitágoras, o inventor da palavra “filosofia” escreveu que “há um princípio bom que criou a ordem, a luz e o homem, e um princípio mau que criou o caos, as trevas e a mulher”<sup>3</sup>.

Hegel, por sua vez, avalia que os dois “sexos” devem ser diferentes: um ativo e o outro passivo e naturalmente a passividade caberá à fêmea, dado que o homem é o princípio ativo, já a mulher é o princípio passivo porque permanece dentro da sua unidade não desenvolvida<sup>4</sup>. Schopenhauer, por sua vez, acreditava que as mulheres eram totalmente incapazes de produzir ou pensar uma filosofia da arte ou de alta cultura, que intelectualmente eram como crianças crescidas.

Tornar visível aquela que fora ocultada foi o grande objetivo das estudiosas feministas desses primeiros tempos. A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito da Ciência.

É preciso notar que essa invisibilidade, produzida a partir de múltiplos discursos que caracterizaram a esfera do privado, o mundo doméstico, como o “verdadeiro” universo da mulher, já vinha sendo gradativamente rompida, por algumas mulheres. (...) as estudiosas feministas iriam também demonstrar

<sup>1</sup> As aulas continuam disponíveis em: <https://www.youtube.com/@cmp-regionaltriangulominei7340>

<sup>2</sup> Disponível em <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/>

<sup>3</sup> Beauvoir, S. **O segundo sexo, fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970, p. 7

<sup>4</sup> Beauvoir, S. **O segundo sexo, fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970, p. 30.

e denunciar a ausência feminina nas ciências, nas letras, nas artes.<sup>5</sup>

O propósito deste trabalho é, por um lado, apontar Eddy como uma pensadora importante para seu contexto histórico, inserida dentro de uma luta feminina por autonomia (luta essa muitas vezes velada em seu tempo, porém presente e exposta de forma elucidativa no primeiro capítulo desta dissertação) e; por outro, pontuar um conjunto de conceitos e processos que legitimam sua obra como uma obra filosófica (tema do segundo capítulo). Destarte, é importante ressaltar a metodologia geral dessa “empreitada” que é 1) pensar a Ciência Cristã como um sistema filosófico e 2) situar a pensadora que o elaborou como uma importante referência filosófica – para além de gênero e binarismos – de seu tempo histórico.

Segundo Goldsmith<sup>6</sup> (1963) é possível buscar a compreensão de um sistema filosófico de, ao menos, duas maneiras. Uma delas pode ser definida como “método genético”, o qual insere o sujeito no “tempo histórico”, uma vez que a obra estudada é pensada etiológicamente, isto é, entendendo os dogmas e verdades do texto como efeitos e reflexos de uma situação econômica, política, de gênero, social, etc. Tal abordagem fixa um sujeito biográfico, fazendo uma exegese de suas leituras e formações intelectuais e/ou espirituais, contextualizando fatos de sua vida pessoal como relevantes para a escrita de sua obra e entende tudo isso como fenômeno determinante do texto.

Outra abordagem, considerada filosófica por excelência, é denominada como “método dogmático”<sup>7</sup>, que busca a compreensão de um “tempo lógico”. Tal modelo observa por detrás do texto uma doutrina, uma intencionalidade que se desenvolve conectando ideias e conceitos, elaborando causalidades e demonstrando processos intelectuais que se legitimam por si; confia na razão lógica da(o) autora(o)/filósofa(o) e nessa mesma capacidade receptiva da leitora/filósofa. Compreender esse conjunto de teses conforme a intenção da(o) autor(a)/filósofo (a) é conservar até o fim, em primeiro plano, o problema da verdade.

Uma pesquisa em filosofia pode, por escolha metodológica, pensar seu sujeito arraigado em um *tempo histórico*, abordando sua reflexão como fruto de uma situação histórica dada previamente; ou pensar esse sujeito reflexivo como resultado de um processo discursivo, que busca uma *explicitação* sistemática de uma “intuição original”<sup>8</sup> e que contenha um núcleo, uma

<sup>5</sup> LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópoles, RJ: Vozes, 1997

<sup>6</sup> GOLDSCHMIDT, V. **Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos: A religião de Platão**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963, p. 139

<sup>7</sup> Idem

<sup>8</sup> GOLDSCHMIDT, V. **Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos: A religião de Platão**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963, p. 140

unidade que se revelará ao intérprete. Assim, encontra-se um “tempo lógico”<sup>9</sup> na estrutura da obra, um tempo que não é medido pelo *cronos*, por minutos ou horas, e sim um tempo inscrito no movimento e na progressão das ideias e conceitos articulados pelo(a) autor(a)/filósofo(a).

Mas afinal, resta esclarecer, este trabalho se utilizará do método genético (vinculado ao tempo histórico) no primeiro capítulo por descrever a trajetória biográfica da filósofa? E do método dogmático (buscando o tempo lógico) no segundo capítulo por elaborar um estudo conceitual sobre a doutrina da filósofa? Ora, vamos discursar sobre tais considerações...

O primeiro capítulo, obviamente, não possui uma pretensão plenamente etiológica, visto que não desenvolve a filosofia da Ciência Cristã como fruto de um tempo histórico e sim, mostra como a postura incisiva, criativa e criadora da filósofa contribuiu para as transformações na ideia de *Mulher*, como ela fez esse “*devir-mulher*” em uma perspectiva filosófica mesmo este tema não sendo seu primeiro plano de filosofia.

Por mais que esse modelo genético seja legítimo e instrutivo não foi essa abordagem usada pois, a biografia de Eddy é trazida, também, como ilustração de um movimento histórico de empoderamento feminino, de questionamento do patriarcado e não como causa primária da filosofia denominada por ela de Ciência Cristã. Nesse capítulo o tema central é como a vida da filósofa foi, devido a ascese espiritual por ela vivida, um *devir* deleuziano, uma fuga ousada para uma ilha desconhecida. Mostramos que o enfrentamento social que a autora travou historicamente com o machismo e com a misoginia fez dela, enquanto corpo feminino, e com a condição existencial de mulher, um ressignificado, uma mudança profunda de essência subjugada, submissa, para uma essência feminina autônoma, de liderança espiritual e religiosa.

Em nenhum momento tivemos o objetivo de explicar o sistema da Ciência Cristã por elementos ou fenômenos que estão além da intenção da autora; o artifício biográfico faz-se mister no estudo como ponto de partida para o *devir mulher* e não como uma causa de sua reflexão. O tempo histórico aqui não é o motor da discussão e da obra, ao contrário, ele acaba por ser transformado pela reflexão discursiva da autora; não é causa e sim consequência da biografia de Eddy. Ainda enfrentando as dificuldades gigantescas da condição feminina no mundo, a figura de Mary Baker Eddy movimentou o cenário intelectual de seu tempo, compelindo toda a contingência machista tida como universal a ser vista como contingência; impelindo seu tempo histórico a respeitar uma mulher como líder religiosa, líder filosófica, líder social e a olhar para uma mulher como protagonista.

É evidente que os problemas do método dogmático e da condição ou não de sentido

---

<sup>9</sup> GOLDSCHMIDT, V. **Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos: A religião de Platão**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963, p. 143



filosófico da Ciência Cristã caminham juntos. Falar sobre esse pensamento tão novo na história da filosofia ganha mais peso e dificuldade quando percebemos que é elaborado por uma mulher. O recorte machista feito pela velada “História Universal da Filosofia” não inclui nenhuma mulher como significativa.

Assim, abordar a Ciência Cristã como Filosofia é uma ousadia que deve ser fundamentada e refutada tanto em um plano histórico quanto discursivo. É necessário fundamentar criticamente a ciência cristã em um âmbito filosófico, mas também é libertador historicamente que um pensamento elaborado por uma mulher no final do século XIX possa galgar tal status nessa história tão recortada e tendenciosa. Assim, observemos a citação:

A filosofia é explicitação e discurso. Ela se explicita em movimentos sucessivos, no curso dos quais produz, abandona e ultrapassa teses ligadas umas às outras numa ordem por razões. A progressão (método) desses movimentos dá à obra escrita sua estrutura e efetua-se num tempo lógico. A interpretação consistirá em reaprender, conforme à intenção do autor, essa ordem por razões e em jamais separar as teses dos movimentos que as produziram.<sup>10</sup>

Ora, falar de uma interpretação dogmática é partir de certos axiomas, conceitos ou pressupostos tidos como verdadeiros que podem se sustentar ou não na progressão discursiva do texto escrito. A busca por uma verdade é sempre fundamentada por outra verdade, por uma *lexis*<sup>11</sup> que não se separa da crença, partindo de uma elaboração sistemática que contenha uma inquietação, um devir, uma inação a ser resolvida, uma “intuição original”.

Pode-se claramente extrair da Ciência Cristã essas condições. Por mais que a preocupação primária desse sistema seja a *Cura*, objeto fora da reflexão filosófica, pois se estabelece em um ambiente prático, aristotelicamente falando, sujeito da medicina ou alguma outra “ciência prática”<sup>12</sup> uma vez que não teria um fim em si mesma, a base dogmática dessa cura estará sedimentada em uma estrutura metafísica e transcendental que remonta a uma tradição filosófica dualista e espiritualista.

Ao elaborar seus primeiros estudos sobre o poder da mente e da sugestão na cura, estudando placebos e homeopatia, Eddy reconfigura o caminho de sua pesquisa e insere um axioma basilar para a elaboração de sua filosofia: o pensamento é reflexo de uma realidade imaterial, perfeita e eterna, na qual somos partícipes numa relação entre as partes e o todo, e

<sup>10</sup> GOLDSCHMIDT, V. **Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos**, In: **A religião de Platão**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963, p.140

<sup>11</sup> GOLDSCHMIDT, V. **Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos**, In: **A religião de Platão**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963, p. 142

<sup>12</sup> REALE, G. **Introdução à Aristóteles**, Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2012. p. 176

que toda a dor e imperfeição é produto do afastamento dessa perfeição imaterial. A matéria é a degradação, onde se encontra a doença, o pensamento é onde se encontra a cura.

Inspirada em suas leituras dos textos bíblicos, em especial da tradução inglesa King James, e em pesquisas sobre as escrituras que passaram tanto pela vulgata quanto por estudos linguísticos, filológicos e etimológicos também nas línguas grega e hebraica (buscando uma precisão conceitual para compreender o “cristianismo primitivo” que segundo autora era livre de dogmas religiosos); buscou compreender o fundamento ontológico da cura, dos “milagres” concebidos ou operacionalizados por Jesus, intuindo que não eram milagres e sim, conforme o texto original, *mirabilias*, do latim “maravilhas”, expressões de uma verdade espiritual disponibilizada a todas e todos sobretudo nos evangelhos. As Sagradas Escrituras foram, portanto, meio e instrumento na busca desta compreensão capaz de curar e que entende que o pensamento é expressão de Deus, um princípio impessoal, absoluto, que reverbera em bondade, perfeição, amor, harmonia e saúde.

Importante salientar que a bíblia não é vista pela Ciência Cristã como um fundamento em si do sagrado, e sim o que ela representa como ideia, como explicitação de uma verdade imutável que se manifestou em Jesus pela compreensão desse infinito perfeito. Toda essa elaboração conceitual está mais detalhada no capítulo dois dessa dissertação; aqui basta demonstrar que esse movimento se estabelece como uma exposição em busca e partindo de uma verdade.

Também não é possível considerar que essa “intuição original” seja uma doutrina preexistente à sua exposição filosófica. Toda construção desse “tempo lógico” é concomitante com o método que será elaborado para tal exposição. Partindo da citação abaixo veremos como esse método se entrelaça à verdade e que não ingenuamente a nossa pensadora estudada teve a devida fineza de assim arquitetar.

Doutrina e método, com efeito, não são elementos separados. O método se encontra em ato nos próprios movimentos do pensamento filosófico, e a principal tarefa do intérprete é restituir a unidade indissolúvel deste pensamento que inventa teses, praticando método.<sup>13</sup>

Um pensamento que concebe teses praticando um método é o cerne da filosofia ocidental. Foi por isso que sempre a filosofia se preocupou com discursos, com essa *lexis*. Platão escolheu a forma de diálogo por ser mais pedagógico e escolheu os “mitos” por serem mais próximos dos transeuntes da ágora. O pensamento moderno gerou um “Discurso do Método”

---

<sup>13</sup> GOLDSCHMIDT, V. **Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos**, In: **A religião de Platão**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963, p. 14

de Descartes, pensador que vislumbrou essa premissa. Método e doutrina, verdade e discurso, forma e conteúdo, inúmeras vezes problematizados nas reflexões humanísticas também estão atrelados no pensamento da Ciência Cristã.

O método que foi construído pela filósofa, ao se configurar como um método de prática de cura, foi também edificado como um processo elucidativo da verdade. No discurso filosófico proposto no cerne desse pensamento de cura está uma verdade que não é dada de uma vez só, revelada ou oferecida como um presente ou uma dádiva, em bloco e definitiva, mas sim em tempos progressivos e em níveis diferentes. Um método que possui um “devir” no interior da obra, que foge da inação e que busca as causas de uma doutrina e não apenas sua aceitação imóvel.

Com toda essa pulsão reflexiva a Ciência Cristã constrói um campo lexical que resultou em toda a discussão do capítulo dois. Os conceitos elaborados com destreza, forjados no diálogo com a tradição da filosofia, faz de Mary Baker Eddy uma pensadora pujante, com a envergadura dos grandes nomes da história, apontando para uma filosofia espiritualista, que concebe uma realidade velada aos olhos físicos e que se apresenta discursivamente para um intelecto, para o pensar; a filosofia aqui está posta em todos os seus arcaibouços, na construção metodológica da verdade, na relação dinâmica com o método e na capacidade racional da obra ser pesquisada e compreendida nesse tempo filosófico, dando ao intérprete a experiência intelectual edificante de uma obra que se lança no terreno obscuro e fértil da filosofia.

Esta dissertação, portanto, tem como propósitos: 1) reconhecer e apresentar Eddy como pensadora para a academia brasileira; 2) apresentar sua obra e sistematizar os principais conceitos de sua metafísica; 3) refletir sobre o *devir-mulher* atravessado por Eddy, lançando mão do conceito criado pelos filósofos franceses Deleuze e Guattari, a partir desse estudo de caso e numa perspectiva cartográfica, mas, ao mesmo tempo, dos estudos de gênero.

A primeira finalidade, apresentar Mary Baker Eddy, é autoexplicativa e justifica a redação do primeiro capítulo que tem como objetivo descrever a trajetória da autora, por meio de um levantamento biográfico focado na concepção de sua filosofia, no entrelaçamento entre suas lutas, o contexto social em que viveu, a questão de gênero e a criação de sua metafísica.

O segundo capítulo apresenta a principal obra da autora “Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras” e propõe enunciar o entendimento de Eddy de alguns conceitos filosóficos básicos como *alma*, *espírito*, *mente*, *princípio*, *substância*, *vida*, *verdade* e *amor*, entre outros, com vistas a compreender como se dá o estabelecimento de seu sistema de cura, sua metodologia de ensino e a formação de seus alunos enquanto praticistas da Ciência Cristã (Christian Science practitioners).

O terceiro aspecto deste trabalho aborda a filosofia de Deleuze e Guattari e leituras de gênero como a obra *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, e versa sobre o processo molecular de desterritorialização, ou o devir-mulher, vivido por Eddy. Processo este, que a possibilitou produzir e vivenciar experiências distintas, em seu corpo feminino, daquelas histórica e socialmente impostas, que ditam padrões comportamentais e as transformam em objetos a serem desejados. Para tanto, experimentou uma espécie de decomposição do binarismo, ou do famoso “não se nasce mulher, torna-se mulher” de Beauvoir (1970) e concebeu uma nova mulher dentro do corpo programado, criando uma mulher molecular.

## CAPÍTULO 1 – CONHECENDO MARY BAKER EDDY

### 1.1 - Por que estudá-la?

Mary Baker Eddy é autora de uma vasta obra filosófica e teológica ainda intimamente estudada na academia brasileira. Sabemos que a produção científica de mulheres tem sido propositalmente apagada dos anais, não apenas de Filosofia, mas como daqueles das mais diferentes áreas de estudos acadêmicos. Da literatura à medicina, das artes à física, da religião à matemática, o papel da mulher sempre se restringiu ao assujeitamento, à subordinação e à marginalidade. Desde meados do século XX os movimentos feministas e, posteriormente, os estudos de gênero têm feito um trabalho de resgate e de recuperação da memória de escritoras, pensadoras, artistas, lideranças e cientistas.

Um século após a publicação dos escritos feministas de mulheres como Olympe de Gouges e Mary Wollstonecraft, de suas reivindicações e lutas, a sociedade ocidental ainda se encontrava muito aquém da conquista de direitos fundamentais para as mulheres. Contrariando este cenário e suas imposições, Eddy seguiu aquilo que acreditava ser um propósito de vida e se dedicou a elaboração detalhada de uma filosofia, segundo ela, capaz de elevar o padrão mental da humanidade, o que lhe proporcionou tornar-se uma mulher que ocupou uma posição de significativo poder social e econômico no século XIX.

Sua pesquisa teve como fontes diferentes traduções dos evangelhos e dos textos bíblicos do Antigo Testamento, assim como estudos etimológicos, linguísticos, filológicos e observações empíricas nas áreas de homeopatia e medicina. Após a sistematização, a autora cria uma metodologia de ensino e estrutura um plano de aulas para ministrar um curso de formação em Ciência Cristã, uma prática de cura pelo pensamento – ou cura pela Mente, como denominou – fundamentada, basicamente, nos ensinamentos e curas alcançadas por Jesus Cristo.

Em 1875 ela reúne suas anotações e pesquisa em uma obra de 600 páginas intitulada *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*, na qual inclui, em um capítulo, a primeira edição do livro que utilizava em suas aulas (em 1867) e, no ano de 1881, funda em Boston, Estados Unidos, a Faculdade de Metafísica de Massachussetts, com autorização dos Estado, tendo sido registrada como instituição com finalidades médicas. Neste mesmo período é estabelecida a Igreja de Cristo, Cientista e Eddy funda o *Christian Science Journal*, do qual foi redatora e editora. No ano de 1889 a Faculdade de Metafísica torna-se um departamento auxiliar de sua igreja.

A vida de Eddy fora marcada por dificuldades financeiras, saúde frágil e falta de apoio familiar. Ficou viúva aos 21 anos de idade, estando grávida; perdeu a guarda deste filho quando ele tinha 4 anos por ser mãe solo e não conseguir provê-lo, passou décadas tentando encontrá-lo. Teve um segundo relacionamento no qual foi abandonada pelo marido (que fugiu com outra mulher) e, então, chegou a ficar sem um lugar fixo para morar e precisou da ajuda de pessoas próximas para sobreviver. A sistematização de seu método filosófico foi fundamental para que ela pudesse se restabelecer e vir a ser uma das mulheres mais prósperas e notáveis da história dos Estados Unidos.

Logo antes de falecer no ano de 1910, Eddy – que havia sido vítima de sensacionalismo midiático e misoginia por décadas na imprensa norte-americana – funda o *CS Monitor*, jornal diário, que atualmente existe ainda em formato digital, com o propósito de fazer um jornalismo reflexivo e que fosse livre de amarras tendenciosas. Tal trajetória, evidentemente, por si só já justificaria a inclusão de seu nome na historiografia ocidental; entretanto, parafraseando Ann Gordon que afirma que:

Aprendemos que escrever as mulheres na história implica necessariamente a redefinição e o alargamento das noções tradicionais do que é historicamente importante, para incluir tanto a experiência pessoal e subjetiva quanto as atividades públicas e políticas. Não é exagerado dizer que, por mais hesitantes que sejam os princípios reais de hoje, tal metodologia implica não só uma nova história das mulheres, mas uma nova história.<sup>14</sup>

Se para incluir as mulheres na história já precisamos transformar estruturas calcadas em séculos de dominação, legitimar o saber filosófico criado e pensado por mulheres mostra-se ainda mais complexo. Butler, inspirada por Foucault, em sua obra *Desfazendo Gênero* trata da questão do *saber* e do *poder* afirmando que ambos não caminham separadamente e sim trabalham juntos para estabelecer um conjunto de critérios sutis ou explícitos para pensar o mundo.<sup>15</sup> Aquilo que é legitimado enquanto *filosofia* seria nada mais que o poder se dissimulando como ontologia.

Durante a segunda metade do século XIX, na região da Nova Inglaterra, nos Estados Unidos, uma mulher se destacou mundialmente pela autoria de um best-seller que proporcionava uma nova concepção de Deus. Em um diálogo entre a filosofia e a teologia, Mary Baker Eddy apresenta em sua obra um conceito inovador, e deveras polêmico, para uma

---

<sup>14</sup> GORDON, Ann D, **The problem of Human History**; Scott, J. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**, in: Buarque de Hollanda, H. **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 51.

<sup>15</sup> BUTLER, J. **Desfazendo Gênero**. São Paulo: Editora Unesp, 2022. p. 361

sociedade fundamentada em valores protestantes e na moral vitorianada época: o da *maternidade* do Deus da *Bíblia*. Ora, uma mulher divorciada, que se atreveu a escrever e conseguiu (não sem muita luta) ser publicada, dialogando em seus escritos com conceitos tradicionalmente abordados pela filosofia ocidental, desafiando preceitos teológicos e morais socialmente estabelecidos e, ainda, trazendo para além do campo teórico, para a vida prática, o *feminino* na religião e sua presença enquanto conceito no campo espiritual, obviamente seria considerado um abuso.

Segundo Eddy, o Amor infinito pregado por Cristo e presente em toda trajetória do povo hebraico descrita no Antigo Testamento, seria não apenas o Pai, mas também a Mãe do universo e nenhuma forma ou composição física seria adequada para representá-lo. Uma vez que Deus se definiria por seus sinônimos Mente, Espírito, Alma, Princípio, Vida, Verdade e Amor, seria incorpóreo e a única substância verdadeira, o conceito binário de gênero não poderia ser aplicado à divindade.

Assim, o homem, sendo o reflexo do criador, o reflexo do Amor, não seria físico, mas “a ideia composta que inclui todas as ideias corretas; o termo genérico para tudo o que reflete a imagem e a semelhança de Deus; a consciente identidade do existir”<sup>16</sup>. Este homem genérico, espiritual, que possui a mesma substância que Deus, é, portanto, igualmente, a mulher, o indígena, o negro e a negra, e todo aquele, aquela, que também fogem ao rosto do homem-branco-ocidental-cristão-heterossexual.

Perceber o Deus único, o mesmo do livro cânon que fundamenta toda a história recente da sociedade ocidental, a partir dessa nova interpretação, é revolucionário porque é capaz de criar potência micropolítica de ação sobre os corpos. Uma vez que se entende o ser humano como, verdadeiramente, um reflexo composto pela mesma substância da divindade, da infinitude, ele não é mais apenas um(a) mortal expulsa(o) do paraíso e sujeita(o) à opressão. Nesse sentido, cada um pode ser aquilo o que quiser ser e romper com os lugares estabelecidos pelo patriarcado.

Se o rosto é uma política, desfazer o rosto também o é, engajando devires reais, todo um devir-clandestino. Desfazer o rosto é o mesmo que atravessar o muro do significante, sair do buraco negro da subjetividade.<sup>17</sup>

Mary Baker Eddy desfez o rosto destinado às mulheres na sociedade vitoriana do século XIX, foi social e politicamente ativa, e realizou “façanhas” que ainda hoje, infelizmente, são

<sup>16</sup> Eddy, M. B. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. Boston: The Christian Science Board of Directors, 2014.

<sup>17</sup> Deleuze, G.; Guattari, F. Ano Zero – Rostidade. In: **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia, vol 3**. Trad. Guerra Neto, A.; Oliveira, A.L.; Leão, L.C.; Rolnik, S. São Paulo: Editora 34, 2012.

pouco realizáveis para quem nasce com o sexo biológico não dominante: fundou uma faculdade de metafísica em Boston – a *Massachusetts Metaphysical College*, em um momento histórico em que as mulheres não possuíam – ou quase não tinham acesso – à educação superior; estabeleceu um movimento religioso denominado *Christian Science* (Ciência Cristã); escreveu dezenas de artigos e livros; criou um jornal diário ganhador do prêmio Pulitzer, além de revistas que existem até os dias atuais em formato eletrônico. Foi um(a) do(as) maiores líderes religioso(as) dos Estados Unidos e se destacou como sanadora<sup>18</sup> espiritual atraindo milhares de pessoas, dentro e fora de seu país, em busca de cura e de uma resposta cristã, metafísica ou religiosa para a mais diversa sorte de problemas. Ainda assim, e provavelmente por isso, sofreu uma verdadeira caça às bruxas pela sociedade profundamente misógina da época e do local em que viveu.

Era descrita pela imprensa e em periódicos de segmentos diversos – literatura, religião e medicina – como um “papa em anáguas”, “um czar”, “um kaiser” agressivo e dominador, movida simplesmente pela inveja aos homens e “tão gananciosa e ávida por dinheiro cujo único propósito de seu reinado é o poder e a glória pessoal”<sup>19</sup>

A filósofa Silvia Federici, denuncia e descreve em suas obras como o processo de caça às bruxas a partir do século XVI, com os cercamentos na Europa, e que atingiu seu auge no século XVII, ocorrendo em sociedades cujas relações econômicas e sociais eram reformuladas pela crescente importância do mercado e nas quais a pauperização e o aumento das desigualdades eram desenfreados, foi fundamental para o estabelecimento e para a manutenção do sistema capitalista. A opressão às mulheres, segundo a filósofa italiana foi um instrumento efetivo de privatização econômica e social.<sup>20</sup>

Dois outros fatores contribuíam para a produção de uma bruxa. Primeiro, as bruxas não eram apenas vítimas. Eram mulheres que resistiam à própria pauperização e exclusão social. (...) e a política institucional cada vez mais misógina que confinava as mulheres à uma posição social de subordinação em relação aos homens e que punia com severidade, como subversão da ordem social, qualquer afirmação de independência da sua parte. (Federici, 2019. p. 52)<sup>21</sup>

<sup>18</sup> Eddy, segundo relatos de milhares de pessoas, registrados tanto num apêndice ao final do livro **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras** quanto em arquivos dos mais diversos (reuniões de testemunho entrecientistas cristãos, revistas e periódicos) havia sido capaz de saná-las. Essas pessoas, geralmente, se tornavam seguidoras de seu movimento religioso, após terem vivenciado a cura de problemas difíceis e quando havia sido conseguida por meio da medicina tradicional.

<sup>19</sup> McDonald, J.A. Mary Baker Eddy and The Nineteen Century Public Woman: a feminist reappraisal. In: **Journal of Feminist Studies in Religion**. Indiana: Indiana University Press vol. 2, nº. 1 (Spring, 1986), p101-102.

<sup>20</sup> Federici, S. **Mulheres e a caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais**. São Paulo: Boitempo, 2019. p.48

<sup>21</sup> Federici, 2019, p52.



Percebemos que este processo de demonização descrito por Federici, e existente até os dias de hoje, se aplica ao que foi vivido por Mary Baker Eddy a partir do momento em que começou a escrever e a lecionar a doutrina que elaborou. Sofreu, portanto, diferentes violências por sua insubordinação social. A pensadora desafiava de maneira prática toda uma ordem estabelecida.

Uma coisa era, para os pensadores idealistas, hegelianos ou platônicos, desafiar a realidade da matéria; isso poderia ser integrado como teoria pelo cientista e pelo teólogo, mesmo quando rejeitado por eles como fato. Mas apresentá-la como uma proposição de consequências práticas radicais – como uma revelação que incluía tanto uma metafísica coerente quanto uma terapia bem-sucedida era desafiar a ordem da natureza igualmente estabelecida e a fé tradicional em milagres especiais. E o fato destes serem os feitos de uma mulher sem credenciais filosóficas tornava tudo isso ainda pior. Houve momentos em que a Sra. Glover<sup>22</sup> parecia confrontar não apenas os fundamentos de sua época, mas a história moderna vigente, a medida em que esta corria com uma pressa raivosa para chegar ao materialismo total.<sup>23</sup>

McDonald (1986) faz um estudo sobre a mulher pública do século XIX nos Estados Unidos e nos chama a atenção para o estereótipo difundido sobre Eddy nas últimas décadas deste século. A partir de diferentes documentos e fontes históricas a autora levanta questionamentos que revelam uma profunda misoginia e preconceito masculino a respeito de mulheres que se tornavam públicas, lideranças ou bem-sucedidas economicamente. No caso lideranças religiosas um dos estereótipos mais comum era o de que, diferentemente dos homens que procurariam nos estudos teológicos e na Filosofia da Religião a busca da verdade por meio da razão, as mulheres procurariam satisfazer suas necessidades emocionais criando falsas verdades.

Este universo patriarcal, por meio da opinião pública, depreciava as atividades de mulheres, reduzia os seus esforços, banalizava o seu significado e as suas realizações; ao mesmo tempo em que reduzia seus motivos a uma luta pelo poder pessoal, domínio e glória, motivadas quase sempre pela inveja à masculinidade e pelo desejo de ser homem.

Uma publicação no *Journal of the American Medical Association*, em 1899, afirmava

<sup>22</sup> Glover é o sobrenome do primeiro marido de Mary Baker Eddy, o qual ela ainda usava no momento em que começou a escrever e a realizar seus estudos metafísicos.

<sup>23</sup> “It was one thing, for philosophical idealists, Hegelian or Platonic, to challenge the reality of matter; this could be accommodated as theory by the scientist and the theologian, even when rejected by them as fact. But to put it forth as a proposition radical practical consequences – as a revelation that included both a coherent metaphysics or a successful therapy was to defy equally established order of nature and the traditional faith in special miracles. For the claim to be advanced by a woman with no philosophical credentials made it all the worse. There were times when Mrs. Glover seemed to confront not merely the establishment of her day but the current of modern history as it rushed in angry haste toward total materialism.” (tradução livre) in: PEEL, R. **Mary Baker Eddy, the years of trial**. Boston, Massachusetts, U.S.A: The Christian Science Publishing Society, 2003, p. 17

que a *Christian Science* não era uma religião, mas sim um “negócio”, uma “conspiração gigantesca” que Eddy havia organizado para enganar pessoas de “mente-fraca” e retirar senhoras americanas da cozinha e do serviço doméstico, lugar ao qual realmente pertenciam, e transformá-las em empreendedoras<sup>24</sup>.

Talvez, o estereótipo feminino mais difundido formando a percepção pública que se tinha sobre Eddy fosse a noção da inferioridade intelectual das mulheres. Obviamente, tal retórica provinha do universo intelectual masculino – homens públicos, escritores (dentre os quais, o mais notável na época, Mark Twain), jornalistas, clérigos, médicos e acadêmicos – que as definiam como inábeis para exercerem papéis considerados, por eles, como unicamente masculinos.

Tal argumento sentenciava que mulheres eram incapazes de compreender facilmente abstrações filosóficas ou conceituais, pois careciam de razão e de reflexão e que, portanto, “não eram seres metafísicos”. Igualmente, afirmava-se que não possuíam senso de humor (uma vez que a sutileza do humor era tida como sinal de inteligência), que eram atrasadas em todos os aspectos e que, nesse sentido, estavam impossibilitadas de possuírem princípios teológicos ou científicos<sup>25</sup>.

Afirmava-se que não existia genialidade feminina e que nunca havia existido, uma vez que este era um atributo que se desenvolvia unicamente na consciência masculina. As mulheres eram consideradas como incapazes de distinguir a mentira da verdade e isentas de talento reflexivo para alcançarem ou para, sequer, desejarem a verdade<sup>26</sup>.

Nenhuma mulher poderia, de fato, interessar-se pela ciência. Logo, jamais poderia colocar sua “vontade” contra a concepção religiosa comum de uma época<sup>27</sup>. E era justamente isso o que fazia Eddy. Sua filosofia, a partir de ensinamentos práticos, apresentava uma concepção, segundo a autora, verdadeiramente metafísica das Escrituras, fundamentada em estudos densos, metodológicos e reflexivos.

Ao mesmo tempo, quando já havia se tornado uma figura pública, escreveu em sua obra *Ciência e Saúde* que as leis de seu país não eram imparciais e que havia discriminação entre os sexos, defendendo, no capítulo “O Matrimônio”, direitos iguais para homens e mulheres,

---

<sup>24</sup> MCDONALD, J.A. *Mary Baker Eddy and The Nineteen Century Public Woman: a feminist reappraisal*. in: *Jornal of Feminist Studies in Religion*. Indiana: Indiana University Press, vol. 2, nº. 1 (Spring, 1986), p102

<sup>25</sup> MCDONALD, J.A. *Mary Baker Eddy and The Nineteen Century Public Woman: a feminist reappraisal*. in: *Jornal of Feminist Studies in Religion*. Indiana: Indiana University Press, vol. 2, nº. 1 (Spring, 1986), p.99

<sup>26</sup> MCDONALD, J.A. *Mary Baker Eddy and The Nineteen Century Public Woman: a feminist reappraisal*. in: *Jornal of Feminist Studies in Religion*. Indiana: Indiana University Press, vol. 2, nº. 1 (Spring, 1986), p.101

<sup>27</sup> MCDONALD, J.A. *Mary Baker Eddy and The Nineteen Century Public Woman: a feminist reappraisal*. in: *Jornal of Feminist Studies in Religion*. Indiana: Indiana University Press, vol. 2, nº. 1 (Spring, 1986), p.103

sobretudo em questões como o divórcio, criação dos filhos, direito à renda e aquisição de propriedades.

Já em sua juventude, Eddy fora abolicionista: “tudo o que escraviza o homem se opõe ao governo divino”<sup>28</sup> e defendeu o direito ao voto feminino para que fosse possível “elevar a sociedade em geral”<sup>29</sup>. E, após a epifania de 1866, lutou pela abolição da escravidão mental do ser humano e contra as tendências despóticas da “mente mortal”<sup>30</sup> que, segundo a pensadora, seriam a fonte das mais diferentes formas de tirania.<sup>31</sup>

Eddy, foi palestrante e autora de inúmeros livros e publicações que reforçavam a fundamentação da metafísica voltada para o desenvolvimento de uma forma de vida plena, com saúde, um dos pilares de sua doutrina, a qual procurou aproximar e integrar à teologia, à filosofia e à ciência, valendo-se da interpretação metafísica do cristianismo primitivo<sup>32</sup>.

Observa-se, portanto, que Eddy nunca sucumbiu ao sentimento de inferioridade que deveriam supostamente carregar por toda a vida as mulheres do século XIX e àquilo a que estavam “predestinadas”<sup>33</sup> a ser. Ela nunca se conformou à opressão de ocupar apenas o lugar delimitado para as mulheres pelo assujeitamento patriarcal; se fez mulher molecular<sup>34</sup> em processo contínuo de libertação da mentalidade opressora masculina, procedia sem ressentimento ou medo do homem-modelo da sociedade patriarcal.

Seguindo nessa reflexão sobre diferentes possibilidades de existências minoritárias que resistem, pensamos em alguns conceitos formulados por Deleuze e Guattari. Os franceses afirmam que todos os *devires* começam e passam pelo *devir-mulher*. Este seria o ponto de partida para os demais devires.<sup>35</sup> Não se entra em devir sem antes passar pelo devir-mulher; ele seria a porta de entrada para qualquer devir-minoritário, uma vez que a mulher é a primeira a desterritorializar o homem e fazê-lo fugir de suas formas binárias e hierárquicas.

O Devir-Mulher, isso que impulsiona essa “Mulher-Devir”, Mary B. Eddy, servirá de impulso para compreendermos esta história-outra da mulher, uma existência molecular que se

<sup>15</sup> EDDY, M. B. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2014, p.225

<sup>29</sup> EDDY, M. B. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2014, p.64

<sup>30</sup> O conceito de “mente mortal” é desenvolvido por Eddy no livro **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**.

<sup>31</sup> EDDY, M. B. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2014, p.64

<sup>32</sup> Eddy entende como “cristianismo primitivo” os ensinamentos de Jesus antes da existência de religiões cristãs.

<sup>33</sup> Eddy desde a adolescência se posicionou contra a teoria protestante da predestinação.

<sup>34</sup> Conceito de molar x molecular de Deleuze e Guattari, sendo o plano molecular aquilo que escapa às imposições do mundo da representação, do conservadorismo da sociedade capitalista-patriarcal.

<sup>35</sup> DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. 4º vol. São Paulo: Editora 34, 2012, p. 27

edifica como realidade marginal, como crítica aos antigos/atuais esquemas patriarcais-coloniais.

Igualmente, os conceitos de *cartografia* e *rizoma* são utilizados como ferramentas possíveis de desconstrução da narrativa hegemônica, colonial e patriarcal; no intuito, ainda, de responder à essa grande demanda de nosso tempo, assim como, de responder ao desafio epistemológico que é visibilizar uma história e uma filosofia outra, a partir da ótica das oprimidas.

Em um Brasil nem muito profundo ela seria mais uma Maria. Uma das múltiplas marias cantadas na famosa canção do compositor mineiro. Uma mulher que transita entre a dor e a magia, trazendo “uma força que nos alerta”. Essa é Mary Baker Eddy, uma “mulher-devir”<sup>36</sup> que como muitas outras foi potência criativa de uma história-outra da mulher. Por mais que tentem apagá-las da história-maior-patriarcal, existem e existiram as mulheres-devir, pois viveram em “devir-mulher”, brotando dos espaços não oficiais, camufladas em outras epistemes, inventando pluralidades.

## 1.2 - Breve Biografia de Mary Baker Eddy

Mary Morse Baker nasceu em 16 de julho de 1821, no seio de uma família de agricultores de New Hampshire que vivia fervorosamente o protestantismo. Seu pai, Mark Baker, tornou-se secretário da Igreja Congregacional de Bow no ano seguinte ao seu nascimento. Durante a primeira metade de sua vida lutou contra diversos problemas de saúde. Na infância, já era de saúde frágil e, por essa razão, chegava a permanecer meses sem frequentar a escola. Ao mesmo tempo, mostrava enorme interesse pelos livros e aos dez anos de idade já era leitora voraz da *Bíblia* e da gramática da língua inglesa de Lindley Murray. Um de seus irmãos, 11 anos mais velho que ela, Albert Baker, que havia podido deixar a propriedade rural da família e estudar na Universidade de Dartmouth<sup>37</sup>, lhe ensinava grego, latim e hebraico<sup>38</sup> e gostava de compartilhar com a pequena Mary suas leituras da faculdade. O irmão trazia-lhe obras de

<sup>36</sup> A oportunidade de experimentar conceitos sempre deve ser usada quando temos como referência a filosofia de G. Deleuze. A “Mulher-Devir” refere-se ao apontamento de uma mulher em específico que, em sua história, mesmo que apagada pela história molar, criou rizomas, configurou uma outra significância; é personalizada na história, mas ainda em devir com suas (in)fluências. No presente estudo atribuiremos esse significado à Mary Baker Eddy, porém essas “mulheres-devir” estão pulverizadas no ser, são infinitas em existências e em números, fizeram/fazem devir e apresentam um novo cruzamento, mais intenso e mais livre.

<sup>37</sup> A Nova Inglaterra já naquela época era considerada a terra do intelecto por possuir o melhor sistema educacional dos Estados Unidos (“We rejoice in New England, the native home of intellect.” Fala de John Greenleaf citada pelo historiador Robert Peel em **Mary Baker Eddy: Years of Discovery**, 2011 p.7)

<sup>38</sup> EDDY, M.B. **Retrospecção e Introspecção**. Boston: Trustees under the will of Mary Baker Eddy, Portuguese edition, 1972, p. 10

Locke, Bacon, Hume e Voltaire, entre outras, que quando descobertas pelo pai eram confiscadas, pois o velho calvinista não aceitava em seu lar “absurdos deístas e muito menos qualquer ateísmo” <sup>39</sup>. Mark Baker, controlava os filhos de maneira rígida e os forçava a acreditar, temer e obedecer a Deus.

Sua religião ensinava que os incrédulos iriam sofrer castigos intermináveis, sem nenhuma compaixão ou perdão, e que a maioria das pessoas estava predestinada a ir, após a morte, para um lugar chamado inferno, onde estariam condenadas para sempre.

Quando Mary ouvia o que mais tarde viria a denominar como a “inexorável teologia” do pai, ela ficava perturbada com muitas dúvidas, em especial a respeito do “horrível decreto” da predestinação, como o próprio João Calvino chamou esse lúgubre conceito teológico. <sup>40</sup>

Aos 12 anos de idade, Mary já controvertia com o pai, pois se recusava a aceitar um Deus punitivo, opressor e que fosse menos amoroso que sua mãe. Em janeiro de 1836, aos 14 anos, muda-se com a família para uma propriedade rural menor, próxima à cidade de Sanborton Bridge, a aproximadamente 32 quilômetros da fazenda onde havia nascido e, no verão de 1838, e seus pais, se filiam à Igreja Congregacional da cidade. Mary também é aceita como membro, a despeito de seu protesto sincero contra a doutrina da predestinação no momento da filiação.

A doutrina da predestinação pode parecer não mais do que uma questão acadêmica agora, mas para um crente congregacional em 1838, ela ia direto ao cerne do relacionamento do homem com Deus. Os metodistas e a maioria dos batistas abandonaram ou suavizaram essa doutrina, de que Deus predestina a todos, exceto uns poucos escolhidos, para a condenação, substituindo-a por um conceito mais flexível que tornava o inferno a punição por pecados particulares cometidos pelo indivíduo por sua própria vontade. Entretanto, se assim eles perderam um pouco da ferocidade do Deus de Calvino, eles também perderam a lógica atroz de sua teologia. <sup>41</sup>

O historiador Robert Peel, continua, após o trecho supracitado, afirmando que a luta entre Mary Baker e o pastor, no momento de sua filiação, deve ter sido severa. Ela sentia-se nauseada e extremamente mal, pois não conseguia acreditar que o ser humano estava predestinado à condenação por Deus e estava disposta a não se tornar membro da igreja de seus pais, afirmando estar certa de que nem ela e nem os irmãos seriam salvos se tal doutrina fosse verdadeira.

<sup>39</sup> PEEL, R. **Mary Baker Eddy, Years of Discovery**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2003, p.9.

<sup>40</sup> FERGUSON, I; FREDERICK, V.H. **Um mundo mais luminoso: a vida de Mary Baker Eddy**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2017, p12-13.

<sup>41</sup> PEEL, R. **Mary Baker Eddy, Years of Discovery**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2003, p.50. Tradução livre da autora.

Nesse período, seu irmão Albert Baker, já graduado em Direito havia assumido o escritório de advocacia de Franklin Pierce, quem 14 anos depois se tornaria presidente dos Estados Unidos. Albert estava ascensão na política, atuara durante dois anos na Assembleia Legislativa de New Hampshire, estivera à frente do projeto de lei que aboliu a prisão por dívidas e lutou para que pequenos agricultores expropriados de suas terras devido à construção de uma ferrovia recebessem indenização do governo. Em 1841, seu partido pensava em lançar sua candidatura ao Congresso, porém antes disso ficou tão doente que faleceu, aos 31 anos de idade, em 17 de outubro daquele ano<sup>42 26</sup>.

A morte de Albert foi um grande choque para a família, especialmente para Mary que tinha então 20 anos. Ele era um defensor dos direitos do povo e havia sido uma grande inspiração e orientado a irmã e até então. Em seu pesar, ela se apoia nos estudos e na leitura da Bíblia.

Naquela época, quase não existia ensino superior para mulheres pois, até a Guerra Civil, muitas faculdades e universidades não aceitavam estudantes do sexo feminino. Ainda levaria décadas para que as faculdades para mulheres, tais como Mount Holyoke, Smith, Vassar e Wellesley, fossem reconhecidas. A escolaridade formal de Mary estava prestes a ser concluída.<sup>43 44</sup>

Escreve, então, alguns versos sobre a natureza efêmera do tempo, inspirada na curta trajetória de vida de seu irmão e tem pela primeira vez um escrito seu publicado, o poema *The Summer is Past the Harvest is Ended* na revista literária local Belknap Gazette, em 1842.

Logo, em 1843, aos 23 anos, se casa e se muda com o marido, num primeiro momento para Charleston, na Carolina do Sul, e em seguida para Wilmington, onde começou a escrever para o jornal local. A mudança para o sul, região mais conservadora do país que era, de fato, local bastante diferente do contexto das colônias do norte onde vivera até então, num período anterior à Guerra de Independência dos EUA, possibilitou-a conhecer mais de perto a terrível realidade de um regime escravocrata, o que a indignou.

Segundo Ferguson e Frederick (2017), Eddy ficara chocada ao se deparar com um anúncio no jornal local com o titular *Negros e móveis à venda*<sup>45</sup>. Duas décadas depois, escreveria o

<sup>42</sup> FERGUSON, I; FREDERICK, V.H. **Um mundo mais luminoso: a vida de Mary Baker Eddy**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2017, p.20.

<sup>43</sup> FERGUSON, I; FREDERICK, V.H. **Um mundo mais luminoso: a vida de Mary Baker Eddy**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2017 p 22.

<sup>44</sup> Não obstante, ainda que existam algumas instituições de ensino superior “para moças” após este período, no século XIX, Virginia Woolf nos chamou a atenção que ainda no início do século XX tais faculdades estavam destinadas a ensinar tarefas do lar, comportamento ou atividades que preparassem a mulher para melhor servir o papel destinado a ela na sociedade patriarcal

<sup>45</sup> Ver no anexo 2: imagem de um anúncio de um leilão de escravos disponibilizado na obra de Ferguson e Frederick

poema *The Liberty Bells* para o *Lynn Reporter* celebrando o dia em que Massachusetts ratificou a 13ª Emenda Constitucional que aboliu a escravidão.

Em junho de 1844, apenas 6 meses após o matrimônio e a mudança para as colônias do sul, George Washington Glover, o então marido de Eddy (que neste momento havia se tornado a Sra. Glover) contraiu febre amarela e veio a falecer 12 dias depois. Ela estava grávida e retornou para a casa dos pais. Quando deu à luz, em setembro daquele ano, estava fraca, doente e preocupada em como sustentar a si mesma e ao seu filho recém-nascido: Georgy.

Na época não havia um sistema federal de previdência nos Estados Unidos – não havia previdência para viúvas com filhos pequenos, nenhum sistema de pensão, nenhuma creche nem abrigos para os sem-teto. As pessoas pobres precisavam contar com a generosidade dos amigos e parentes, ou enfrentarem a possibilidade de viver em abrigos de indigentes ou em fazendas que eram mantidas com o dinheiro público<sup>46</sup>.

Percebe-se que ela, da mesma maneira que as demais mulheres na primeira metade do século XIX, tinha poucos direitos e dependia naquele momento da boa vontade de seus pais para sobreviver. Entretanto, Mark Baker ficou viúvo no final do ano de 1849 quando a mãe de Eddy viera a falecer e, então, no ano seguinte, ameaçou enviar Georgy para um abrigo de indigentes, se ela própria não o mandasse embora, pois já não queria a criança morando na casa.

Foi neste contexto que, em 1851, Mary Baker Eddy finalmente (e após várias tentativas de morar com parentes ou que estes se encarregassem ao menos da guarda do menino) se vê forçada a entregar Georgy, aos 6 anos de idade, para um casal de conhecidos que não tinha filhos e o que, sem aviso prévio, o levou para viver em uma comunidade afastada em outra região do país. Ela passaria décadas procurando por esse filho.

Considerado o sexo mais fraco e, portanto, necessitando da proteção masculina, as mulheres, de acordo com os costumes e a lei, ficavam submissas aos homens da família – maridos, pais e outros parentes do sexo masculino. Legalmente, uma mulher casada não podia possuir nenhuma propriedade, e aquilo que ela levasse consigo para o casamento se tornava propriedade do marido. Ela não tinha permissão para assinar contratos ou fazer testamento, nem podia administrar algum possível salário que ganhasse. As leis também favoreciam os homens quanto ao divórcio e a guarda dos filhos. Isso começou a mudar com a aprovação de leis de igualdade de direitos para as mulheres – primeiro em Mississippi, com a Lei de Propriedade da Mulher Casada, de 1839. Outros estados seguiriam seu exemplo e, em 1857, o Projeto de Lei de Propriedade da Mulher Casada foi aprovado no Congresso dos Estados

---

<sup>46</sup> FERGUSON, I; FREDERICK, V.H. **Um mundo mais luminoso: a vida de Mary Baker Eddy**. Boston: The ChristianScience Publishing Society, 2017, p.34

Unidos.<sup>47</sup>

O falecimento do cônjuge ou os divórcios geralmente condenavam as mulheres à pobreza, pois quase nenhuma escola de formação profissional, faculdade ou universidade aceitava mulheres como alunas, e as oportunidades de emprego eram poucas. As profissões nas áreas de direito e medicina eram vedadas às mulheres que precisavam ter a sorte de encontrar um trabalho nas áreas de limpeza, cuidadoras, domésticas ou, no máximo, professoras de crianças.

Só depois da Guerra Civil, quando a industrialização se expandiu rapidamente no Estados Unidos, é que as fábricas abriram as portas às mulheres e, mesmo assim, o que as operárias recebiam não passava de uma fração do que os homens ganhavam.<sup>48</sup>

Este é um período em que essas restrições começam a ser abrandadas e revogadas e Eddy seria um expoente do rompimento dessas barreiras; porém, somente após a 19ª Emenda Constitucional, em 1920, garantindo às mulheres o direito ao voto é que, de fato, começou a se fazer genuíno progresso em direção a igualdade de direitos. Em *Ciência e Saúde com Chave das Escrituras*, anos depois, Eddy escreveu:

Nossas leis não são imparciais e isso é o melhor que se pode dizer da discriminação que elas fazem entre os sexos, quanto à pessoa, à propriedade e aos direitos dos pais. Se o direito ao voto para as mulheres puder remediar o mal sem causar dificuldades maiores, esperamos que seja concedido. Um meio realizável bem como racional de melhorar a situação é, no momento, elevar a sociedade em geral, e disso resultará uma geração mais nobre de legisladores – uma geração que tem intuitos e motivos mais elevados<sup>49</sup>.

Em 1853, casou-se novamente com Daniel Patterson (e adotou seu sobrenome), devido a promessa do então futuro marido de que ajudá-la-ia a recuperar seu filho Georgy. Entretanto, isso não aconteceu, apesar de que ele havia se comprometido e de que, para tanto, no dia do casamento, antes da cerimônia, ela assinara um termo nomeando-o tutor da criança. Para que o termo de responsabilidade fosse válido ele precisaria apresentar-se no tribunal, porém isso nunca chegou a acontecer. Este novo matrimônio foi mais um período de dificuldades financeiras e

<sup>47</sup> FERGUSON, I; FREDERICK, V.H. **Um mundo mais luminoso: a vida de Mary Baker Eddy**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2017, p.34

<sup>48</sup> FERGUSON, I; FREDERICK, V.H. **Um mundo mais luminoso: a vida de Mary Baker Eddy**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2017, p.35

<sup>49</sup> EDDY, M. B. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2014, p. 63



físicas, que só foi finalizado após ela se ver exposta a situações constantes de infidelidade do marido e aos seus longos períodos de ausência; e situações que aos olhos dos movimentos feministas do presente século XXI, seriam vistas como relacionamento abusivo, violência emocional e patrimonial.

Entre 1854 e 1865, a então Sra. Mary Patterson, sofrera de enfermidades que a deixavam acamada por longos períodos; pessoas próximas, além dela própria, notavam que os sintomas pioravam quando o marido estava presente e isso foi uma confirmação para ela, que já vinha buscando e estudando tratamentos alternativos como a homeopatia, de que havia um “componente mental na doença”<sup>50</sup>. A meados do século XIX, nos Estados Unidos e em grande parte da sociedade ocidental, estavam em voga as terapias alternativas, como a hipnose e as sessões espíritas para cura e solução de diferentes tipos de problema. Peel (2013), ao discorrer sobre os avanços científicos do século XIX como as correntes eletromagnéticas, as contribuições físicas e matemáticas, pondera que, por outro lado:

Ainda havia um caminho escuro, e um tanto infame, que corria ao lado da estrada, às vezes perto dela, outras vezes, perdendo-se em matas emaranhadas e pântanos. Ao longo deste caminho, Mesmer se moveu, e antes dele outras figuras sombrias como Van Helmont, Paracelso, alquimistas e astrólogos, sacerdotes egípcios e assírios, xamãs pré-históricos. Por aí passou a tal exploração do inconsciente, das vastas e desconhecidas forças da mente, que fora deixada tantas vezes nas mãos de charlatões e delirantes. Esse era o caminho do magnetismo animal, como ainda era comumente chamado nos anos 1860, ainda que muitos já preferissem o termo *mesmerismo*. Seus praticantes assumiam a existência de um fluído magnético pelo qual um organismo vivo poderia influenciar ou controlar outro.<sup>51</sup>

O historiador continua após o trecho supracitado mencionando uma fonte histórica, uma publicação que, no ano de 1843, elencava quase trezentos “mesmeristas” ou “magnetistas” na cidade de Boston; ou seja, terapeutas que lucravam com a prática do magnetismo animal<sup>52</sup> para curar doenças. Um deles, fica famoso na década de 1860 e atrai a atenção de Mary Patterson. Dr. Phineas Quimby se autointitulava um *médium* que “desvendara o segredo que tem sido um mistério para a humanidade há séculos” (Peel, 2013, p.153). Afirmava que, ao ter contato com o paciente, podia, ao mesmo tempo em que mantinha sua própria consciência, tomar para si os sentimentos de quem tratava e retirar suas dores; limpando mentalmente os fluídos negativos

<sup>50</sup> PEEL, R. **Mary Baker Eddy: the years of discovery**, 2013, p. 141

<sup>51</sup> PEEL, R. **Mary Baker Eddy: the years of discovery**, 2013, p. 151. Tradução livre.

<sup>52</sup> O termo magnetismo animal, ou mesmerismo, refere-se à teoria do médico alemão Franz Mesmer que, no século XIX, atraiu milhares de seguidores. Acreditava, basicamente, em um fluído eletromagnético presente em todos os seres vivos; uma força vital que poderia ser transmitida por meio das mãos, de manipulações, estímulos ou do pensamento de um corpo a outro e traria a cura para doenças. Atualmente, é considerado charlatanismo, ainda que Mesmer almejava que tal teoria fosse considerada ciência ou filosofia.

do corpo do paciente que eram os causadores da doença.

Em outubro de 1861, o próprio Daniel Patterson escreve a Quimby pedindo ajuda e solicitando uma consulta para sua esposa Mary que se encontrava inválida, mas não seria dessa vez que conseguiria ser atendida por ele e decidiu; então, em 1862 quando D. Patterson se torna prisioneiro de guerra, ela decide ir ser tratada no Instituto de Hidropatia<sup>53</sup> de Vail em Hill, New Hampshire, cujo tratamento consistia em livrar os pacientes de seus medos, com o suporte mental e diálogo adequado<sup>54</sup>, banhos, descanso, dieta restrita, ar puro e muita água. Porém, antes de sair em busca de ser curada pela hidropatia, ela própria escrevera para o Dr. Quimby contando que sofria há 6 anos devido à inflamação na medula espinhal e padecia também de problemas gástricos e biliares e expressando seu desejo em ser tratada por ele.

Após as longas sessões de panos úmidos enrolados ao corpo para purificar o corpo e despertar a alma e muitos goles de água pura, Mary Patterson não se sentia nada melhor e se deu conta da falácia do tratamento. Mais uma vez chegam a ela notícias de enfermos que haviam sido curados pelo Dr. Quimby de Portland, Maine e dessa vez ela decide que se não enfrentasse a viagem para encontra-lo teria que voltar a casa de seus familiares e esperar a morte. Sentia que já não havia nenhuma outra alternativa para ela. Assim, com a ajuda de seu irmão Samuel Baker e de sua cunhada Mary Ann Cook Baker, ela faz o trajeto de carruagem e barco e, em 10 de outubro de 1862, chega carregada ao seu quarto no hotel em que o mesmerista vivia e atendia seus pacientes.

Entre outubro de 1862 e fevereiro de 1866, se dedica a estudar, acompanhar a prática de Quimby e buscar a cura para diferentes tipos de doenças. Não é objeto deste trabalho adentrar sobre os métodos utilizados por Quimby, porém cabe ressaltar que num primeiro momento a melhora na saúde de Mary Patterson foi notável, o que é relatado anos depois por ela própria. Na primeira semana de tratamento ela já se encontrava apta a subir escadas e sentia que ganhava força e liberdade a cada dia.

Porém, com o tempo, ela foi se dando conta do que era sugestionamento, e seus sintomas, assim como desapareciam, voltavam a aparecer tempos depois. Questionava-se sobre o método de cura de Quimby, se era mero charlatanismo ou não; entretanto, nesse período ela

---

<sup>53</sup> Instituto de Hidropatia do Dr. Vail que oferecia a “cura pela água” funcionou em Hill (NH, EUA) entre 1859 e 1870. Durante esse período, Hill tornou-se um destino para muitos que buscavam a cura de diversos males. Disponível em:

<https://nebula.wsimg.com/aaf403120c2bd91375f3067421370b31?AccessKeyId=C999189F28576B8EEC57&disposition=0&alloworigin=1> Visto em 12 de setembro de 2023

<sup>54</sup> PEEL, R. **Mary Baker Eddy, Years of Discovery**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2003, p. 146. Peel, traz citações dos “médicos” e fontes históricas a respeito deste Instituto de Hidropatia, em que citam a cura pelo diálogo com proibições de, por exemplo, conversas sobre doenças ou sofrimentos entre os pacientes.

confirmou algo a respeito de um tema sobre o qual vinha refletindo desde que ficou com a saúde frágil quando teve o filho tomado de seus cuidados: a conexão entre os efeitos físicos e uma causa mental.

Vinte e cinco anos depois que buscara este tratamento, Eddy comentou que naquele período era ignorante sobre o mesmerismo assim como Eva quando foi enganada pela serpente<sup>55</sup> e que se encontrava baixo os efeitos da manipulação mental e do magnetismo animal produzidos pelo tratamento de Quimby.

Em 1866, mesmo lutando com seus problemas físicos e sendo vítima das violências por parte do marido ausente, Daniel Patterson, ela já havia acumulado uma respeitável coleção de artigos, ensaios, poemas e contos, publicados em jornais e revistas<sup>56</sup>; porém, ainda assim, as dificuldades financeiras eram enormes. Obviamente, viver como escritora e tirar desse ofício sua própria renda e que essa renda, ainda, fosse suficiente para a subsistência, não era nada fácil no século XIX.

Entretanto, sua sorte estava prestes a mudar; neste mesmo ano, ela passaria pela experiência que transformaria sua vida e sua trajetória. Só assim escreverá seu primeiro livro, em prosa. Livro este que, um século depois de sua primeira publicação, teria mais de 10 milhões de cópias vendidas em mais de uma dezena de idiomas. Foi também em 1866, aos 45 anos de idade, que conseguiu que o marido assumisse a culpa pela separação e obteve, então, o divórcio.

### 1.3 – A Epifania e seus desdobramentos

A vida de Eddy ficou marcada pelos desdobramentos ocorridos após um incidente no inverno de 1866<sup>57</sup>, quando sofreu uma queda no gelo que lhe ocasionou rompimento de coluna, além de sérias lesões internas, foi carregada por amigos até a residência mais próxima. Após o laudo médico de que, se chegasse a sobreviver, com toda certeza não voltaria a andar, o diagnóstico não se cumpriu.

O acidente ocorreu no dia 1 de fevereiro de 1866, uma quinta-feira, tendo ela 45 anos,

---

<sup>55</sup> PEEL, R. **Mary Baker Eddy, Years of Discovery**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2003, p. 168.

<sup>56</sup> Neste momento, “estava colaborando regularmente em um jornal local chamado *Lynn Weekly Reporter* e também em publicações nacionais, entre elas *Godey’s Lady’s Book* (precursor do *Ladie’s Home Journal* e motivo de orgulho para os escritores daquela época) e *The Independent*, revista seminal muito conhecida na época.” (Ferguson e Frederick, 2017, p.58)

<sup>57</sup> A meados século do século XIX a expectativa de vida feminina era em torno de menos de 40 anos de idade. Na data do acidente relatado, Mary Baker Eddy já tinha idade acima da média comum, sendo então uma mulher de 45 anos.

em uma época em que a expectativa de vida para uma mulher nascida em 1821 era de 37 anos<sup>58</sup>. Eddy permaneceu inconsciente até o dia seguinte quando, apesar da forte recomendação do cirurgião de que não deveria ser transportada, ela insistiu para convalescer em casa<sup>59</sup>. Ministraram-lhe, então, uma dose de morfina para que, sedada, suportasse o trajeto e carregaram-na até sua casa deitada sobre um arado de neve. O termômetro estava abaixo de zero, por isso, há relatos de que fora acomodada no chão da cozinha, próxima ao fogão a lenha, por ser o cômodo mais quente da casa. No sábado, sem qualquer melhora do quadro, Dr. Cushing afirmou que nada mais poderia ser feito e, no domingo pela manhã, o Pastor, Father Clark, foi chamado para fazer uma última oração e “prepará-la para o pior”. Em algum momento da tarde, ela pediu para que lhe dessem sua *Bíblia* e a deixassem sozinha.

Segundo o historiador Robert Peel (2003), da Universidade de Harvard, Estados Unidos, nos anos seguintes Eddy não se lembrava exatamente do trecho bíblico que havia lido quando ocorreu a iluminação, porém sabia que, enquanto lia, as seguintes palavras de Jesus afluíam em seu pensamento, “Eu sou caminho, a verdade, a vida: ninguém vem ao pai, senão por mim” (João 14:6) e rapidamente se sentiu preenchida pela convicção de que sua vida estava em Deus – de que Deus era a única Vida, o único “Eu Sou”. Naquele momento, se levantou e havia sido curada<sup>60</sup>. No dia seguinte, Eddy foi ao encontro do médico-cirurgião, Dr. Cushing, para que ele soubesse de seu restabelecimento, o que lhe causou enorme assombro.

A pensadora afirmou que, ao ler os relatos bíblicos do Novo Testamento, atentou para as obras sanadoras de Jesus Cristo e intuiu que não eram milagres<sup>61</sup> nem acontecimentos sobrenaturais, mas que estavam fundamentadas numa lei divinamente estabelecida, uma regra metafísica, aplicável em qualquer época e acessível a todas as pessoas. Essa lei, a qual ela denominará mais tarde *Ciência Cristã* (Christian Science), aparece, segundo Eddy, descrita do início ao fim das Escrituras em inúmeros exemplos do triunfo da Mente, ou do Espírito, sobre a matéria<sup>62</sup>. Ela própria havia experimentado tal ação sanadora ao se restabelecer e recuperar o pleno movimento do corpo em relação ao acidente aludido acima.

<sup>58</sup> FERGUSON, I; FREDERICK, V.H. **Um mundo mais luminoso: a vida de Mary Baker Eddy**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2017, 2017.

<sup>59</sup> Nos anexos deste trabalho disponibilizamos imagem de nota no jornal local de Lynn, localidade na área metropolitana de Boston, onde Eddy vivia, que noticiou a queda chamando a atenção para o estado crítico de saúde em que se encontrava e a natureza interna de suas lesões.

<sup>60</sup> PEEL, R. **Mary Baker Eddy, Years of Discovery**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2003, p. 197

<sup>61</sup> Nas primeiras traduções bíblicas do latim, a palavra milagre foi traduzida do grego como “mirabilia” (maravilha), algo muito menos sobrenatural que o conceito de “milagre”, e é assim que Mary B. Eddy define as curas operadas por Jesus.

<sup>62</sup> EDDY, M. B. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2014, p.139

Ao relatar o incidente anos depois, ela escreveu que aquela breve experiência era uma evidência de que a Vida está no Espírito e pertence ao Espírito<sup>63</sup> e, ainda, que essa Vida é a única realidade da existência. “Naquele instante ela pôde vislumbrar todas as coisas como espirituais, divinas, imortais e completamente boas. Não existia lugar para o medo, a dor, ou a morte, não havia lugar para os limites que o homem define como matéria.”<sup>64</sup>

Assim, Eddy dedicou-se nos anos seguintes a entender o que lhe havia acontecido e o que lhe possibilitara o notório restabelecimento físico após o forte traumatismo na coluna vertebral. Logo, retirou-se do convívio social por 3 anos para que pudesse refletir e estudar a fundo a Bíblia.

Após finalizar suas pesquisas, que abarcaram as áreas da exegese bíblica, a teologia, a ciência moderna e a filosofia, Eddy pôde concluir que é um erro primário da tradição cristã a crença na matéria e que não deixa de ser uma ilusão que alimenta o falso corolário de que Deus criou um mundo onde a mortalidade e a matéria são elementos que merecem credibilidade e resignação<sup>65</sup>.

Essas reflexões e as conclusões de tais estudos foram redigidas num manuscrito que, em 1875, seria publicado como a primeira edição do livro *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*, a grande obra da autora na qual ela descreve detalhadamente o que é e como pode ser colocado em prática seu sistema de cura.

No ano de 1881, Eddy fundou a Faculdade de Metafísica de Massachusetts que em seu folheto publicitário anunciava que aceitava também mulheres<sup>66</sup>. A instituição foi registrada com finalidades médicas e, até o presente, sua faculdade foi a única desse gênero concebida no mundo. Ali se estabeleceu pela primeira vez o ensino da prática de cura pelo pensamento a partir da compreensão das Escrituras.

A Ciência Cristã, tanto em seu fundamento teológico quanto no estudo acadêmico da metafísica, oferece o nítido discernimento de que a força vital é imanente à força divina, conseqüentemente, a matéria está submetida ao poder espiritual que sustenta o mundo e atua como agente sanador da vida.

Essa descoberta está assentada sobre o novo conceito de metafísica criado por Eddy, cujo

<sup>63</sup> Eddy utiliza os vocábulos Vida e Espírito como definições sinônimas de Deus, por isso os redige em maiúscula quando utiliza tal aceção e, em minúscula, para o uso corrente.

<sup>64</sup> PEEL, R. **Mary Baker Eddy, Years of Discovery**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2003, p.197

<sup>65</sup> GOTTSCHALK, S. **Rolling Away the Stone: Mary Baker Eddy's Challenge to Materialism**. Church History, Volume 76, Issue 1, March 2007, pp. 211 - 213

Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0009640700101751> Visto em 20 de abril de 2022.

<sup>66</sup> Foto desta publicidade disponível nos anexos deste trabalho.

problema consiste na abordagem das referências filosóficas empregadas pela autora para chegar à formulação própria do que é a metafísica e a sua finalidade no âmbito da Ciência Cristã.

Como a intenção aqui ao resgatar, brevemente, a biografia de Eddy a partir de uma abordagem cartográfica, não é apurar detalhadamente sua trajetória linear, interrompo este capítulo sem adentrar em aspectos pessoais da vida de Eddy após a epifania, como relacionamentos amorosos, familiares, o retorno do contato com o filho perdido após décadas, ou outros aspectos como o trabalho de cura de doentes, estrutura institucional da faculdade de metafísica ou da igreja da Ciência Cristã. Todavia, considero importante mencionar que Mary Morse Baker, depois Mary Baker Glover e Mary Baker Glover Patterson se tornaria, finalmente, em 1877, Mary Baker Eddy, ao casar-se com Asa Gilbert Eddy que foi seu grande companheiro de vida e apoio fundamental para que ela pudesse estruturar o movimento da Ciência Cristã nos Estados Unidos.

## CAPÍTULO 2: A OBRA DE MARY BAKER EDDY

Como vimos até agora, desde sua juventude, Mary Baker Eddy escreveu poesia e prosa para jornais e revistas e, aos 20 anos, teve um poema publicado em uma revista literária local, mas foi após sua ascensão, em 1866, e a formulação de seu sistema filosófico-teológico, o qual denominou Ciência Cristã, que realmente se tornaria uma autora renomada.

A escrita foi parte preponderante de sua vida: manteve ampla correspondência com milhares de pessoas comuns, com lideranças diversas, especialmente do pensamento religioso, do movimento sufragista e da medicina; escreveu artigos para periódicos; se manteve ativa na escrita até seu falecimento, em 1910; e publicou 17 títulos, sendo o mais importante deles *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*.

### 2.1. Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras

A obra, publicada pela primeira vez em 1875, tornou-se um best-seller traduzido para 16 idiomas e para o braile. É composta por 600 páginas, além de um prefácio da própria autora com numeração romana, um capítulo final intitulado *Frutos da Ciência Cristã*, onde são reunidos relatos de pessoas curadas de diferentes enfermidades por meio da leitura do livro, e um índice alfabético dos termos do Glossário, totalizando pouco mais de 700 páginas. Antes, contudo, de publicar a primeira edição de “Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras”, Eddy registra, em 1870, os direitos autorais de um manuscrito que entregava a seus alunos para que estudassem minuciosamente: “A Ciência do Homem, pela qual os doentes são curados, incluindo perguntas e respostas sobre a Ciência Moral”<sup>67</sup> que é considerado por ela um estudo preliminar do que seria desenvolvido em seu grande livro.

Após a primeira edição, Eddy trabalhou até o ano de seu falecimento, mais de três décadas, para conceber e publicar a versão final desta obra, em 1910. Foram inúmeras versões e revisões antes desta data. Como vimos, ela começou a redigi-lo na intenção de anotar e sistematizar sua descoberta, a Ciência Cristã, nos anos seguintes à importante cura que experimentou em 1866. No ano de 1903, na 263ª edição da obra, o parágrafo abaixo apareceu pela primeira vez:

Revisei *Ciência e Saúde* somente para dar uma expressão mais clara e mais completa de seu significado original. As ideias espirituais se desdobram à medida que avançamos. A percepção humana da Ciência divina, por limitada

---

<sup>67</sup> Ver imagem em anexos.

que seja, tem de ser correta para ser Ciência e passível de demonstração. Um grão da Verdade infinita, embora o menor no reino dos céus, é a esperança mais elevada na terra, mas será rejeitado e difamado até que Deus prepare o terreno para a semente. Aquilo que, quando semeado, dá fruto imortal, enriquece a humanidade só quando é compreendido – daí as muitas interpretações dadas às Escrituras, e as necessárias revisões de Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras.<sup>68</sup>

Existem 418 edições numeradas de Ciência e Saúde, sendo a última do ano de 1806; a partir daí, até seu falecimento da autora, as impressões são identificadas pelo ano listado na página de rosto e não são mais numeradas.<sup>69</sup> Entretanto, a edição de Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras em uso hoje foi designada como edição de 1910, pois esta foi a última vez em que Eddy fez alterações antes de sua morte, em 3 de dezembro deste mesmo ano.

Os arquivistas e pesquisadores da Mary Baker Library<sup>70</sup> examinaram essas primeiras edições anteriores à publicação final apontando as revisões mais importantes de Eddy ao longo dos textos do livro. Enumero aqui algumas delas considerando as alterações mais significativas.

Em 1875, a primeira edição, era um volume intitulado apenas Ciência e Saúde e composto por oito capítulos e um Prefácio. “Mary Baker Glover” era o nome da autora na página de rosto (ela se casaria com Asa Gilbert Eddy apenas em 1877 e adotaria seu sobrenome). Os títulos dos capítulos eram “Ciência Natural”, “Imposição e Demonstração”, “Espírito e Matéria”, “Criação”, “Oração e Expição”, “Casamento”, “Fisiologia” e “Cura dos Enfermos”. Embora esses títulos possam parecer desconhecidos para os leitores da edição atual, a leitura desta primeira edição dá uma indicação de como Eddy continuaria seu trabalho. Muitas passagens permanecem até hoje (embora geralmente em forma editada).<sup>71</sup>

Em 1878, a segunda edição traz a ilustração de uma arca impressa na capa, portanto é comumente conhecida como “Edição Arca”. Os três últimos capítulos desta edição eram novos, um deles intitulado “Metafísica”.<sup>72</sup> Eddy pretendia originalmente que esta segunda edição fosse “um livro com mais de quinhentas páginas” que daria “uma sinopse mais completa do nosso sistema metafísico”<sup>73</sup>. Entretanto, as provas do impressor voltaram repletas de erros

<sup>68</sup> EDDY, M. B. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2014, p. 361

<sup>69</sup> O termo “edição”, como foi usado pelas editoras/gráficas de Ciência e Saúde, entre 1875 e 1906, significou uma impressão de, em média, 1.000 exemplares e não se refere a alterações de conteúdo ou demais revisões.

<sup>70</sup> A Biblioteca Mary Baker Eddy, ou “Mary Baker Eddy Library”, é especializada na compilação de publicações sobre Eddy. Em seu acervo em Boston, Estados Unidos, reúne centenas de correspondências, artefatos, fotografias, objetos, entre outros documentos históricos da autora e sobre a autora e, ao mesmo tempo, organiza pesquisas, oferece consultoria, palestras e atividades de formação.

<sup>71</sup> Informações disponíveis em <https://www.marybakereddylibrary.org/research/what-are-considered-the-major-editions-of-science-and-health/>

<sup>72</sup> Uma versão inicial de parte do capítulo “A Ciência do Existir”, na versão atual.

<sup>73</sup> Disponível em <https://www.marybakereddylibrary.org/research/what-are-considered-the-major-editions-of-science-and-health/>



tipográficos o que fez com que ela só conseguisse recuperar 167 páginas e, portanto, teve que publicar uma versão mais curta. Classificou-o de “Vol. II” na lombada e na página de rosto porque queria que o público o considerasse em conjunto com a primeira edição de *Ciência e Saúde*, publicada três anos antes. Vale salientar que tal edição foi publicada com o nome de Mary Baker Glover Eddy como autora. Nesse momento, apesar de casada já com Asa G. Eddy, quem inclusive foi o editor, ela manteve também o sobrenome de seu primeiro marido.

Em 1881, finalmente, é publicada a 3ª edição, a primeira em dois volumes, com um primeiro volume de 270 páginas e um segundo volume de 214 páginas. Foi adicionado um novo capítulo com uma série de perguntas e respostas, chamado “Recapitulação”, baseado em “The Science of Man”, um texto de sua própria autoria, que Eddy usara em suas aulas.

A 6ª edição, de 1883, também em dois volumes<sup>74</sup> foi intitulada “*Ciência e Saúde; com uma Chave das Escrituras*”. Esta foi a primeira edição a incluir a “Chave das Escrituras”, encontrada no final do segundo volume. Naquela época, porém, a “Chave” continha apenas uma versão inicial do que hoje é o capítulo “Glossário”<sup>75</sup>. Neste capítulo, Eddy publicou os frutos de seu estudo de longa data sobre os significados espirituais de termos bíblicos e outros conceitos.

Daqui partimos para 1886 com 16ª edição quando *Ciência e Saúde* volta ao formato de volume único. “Chave das Escrituras” foi ampliado, com o acréscimo de três capítulos. “Gênesis” e “O Apocalipse”, e “Oração e Expição” foi movido para a “Chave”.<sup>76</sup> Esta foi a primeira edição a incluir um índice, que constituiu uma importante ferramenta de referência para os leitores.

A 50ª edição é de 1891, aqui foram introduzidos subtítulos, resultando num formato que mais se assemelha à edição atual. Outra mudança significativa foi a substituição das citações literárias que iniciavam cada capítulo por versículos da Bíblia.<sup>77</sup> Em 1902 é publicada a 226ª edição com 700 páginas e que agora incluía o capítulo “Frutos”, com testemunhos de cura obtidos através “da leitura ou estudo deste livro”. A numeração das linhas foi introduzida e o índice foi abandonado em antecipação a uma concordância completa (publicada no ano seguinte). Os capítulos assumiram a ordem atual e alguns dos subtítulos foram reescritos.

Já a edição de 1907 trouxe algumas mudanças e implementações importantes como a

<sup>74</sup> Sendo 270 páginas o primeiro e 206 páginas o segundo volume.

<sup>75</sup> São as páginas 579–599 na edição atual.

<sup>76</sup> “Oração e Expição” mais tarde sairia da “Chave” e seria dividido em dois capítulos. A edição tinha 590 páginas, incluindo o índice de 38 páginas.

<sup>77</sup> A única exceção foi o capítulo “Ciência do Ser”, que ainda começa com uma citação da Bíblia e uma do teólogo alemão Martinho Lutero. A 50ª edição tem 651 páginas, incluindo o índice de 70 páginas.

remoção de todos os testemunhos no capítulo “Frutos”, exceto um. Estes foram substituídos por testemunhos mais recentes, e o livro permaneceu com 700 páginas. Eddy também fez algumas edições menores, incluindo alterações em “Recapitulação”. A edição de 1910, ainda usada hoje, incorpora todas as revisões finais da autora, que continuaram até novembro de 1910 e foi publicada pela primeira vez em 1911, após seu falecimento.

Por exigência de Eddy, em sua precisão filológica, todas as suas obras sempre que traduzidas para outras línguas, devem manter-se também no original, em inglês. Assim, todas as publicações de *Ciência e Saúde* fora dos países de língua inglesa, são bilíngues e apresentam mesma numeração de parágrafos, procurando manter a diagramação (em termos de páginas e linhas) do original, para que possam, destarte, garantir a pesquisa e a prática dos estudantes da Ciência Cristã.

Em seu prefácio, anuncia que o livro apresenta pensamentos novos que não serão rapidamente compreendidos e relata, brevemente, sua trajetória de estudos e testes, até fundar a Escola de Cura pela Mente em 1867 e a abertura da Faculdade de Metafísica de Massachusetts em 1881, em Boston.

Após essa apresentação inicial, o livro é dividido em duas partes. A primeira composta por 14 capítulos: 1. A Oração; 2. Reconciliação e Eucaristia; 3. O matrimônio; 4. A Ciência Cristã frente ao espiritualismo; 5. Desmascarando o magnetismo animal; 6. A ciência a teologia e a medicina; 7. A fisiologia; 8. Os passos da Verdade; 9. A criação; 10. A Ciência do existir; 11. Respostas a algumas objeções; 12. A prática da Ciência Cristã; 13. O ensino da Ciência Cristã e 14. Recapitulação.

A segunda parte, intitulada *A Chave das Escrituras*, possui 3 capítulos: Gênesis e Apocalipse (capítulos 15 e 16, respectivamente) onde a filósofa analisa minuciosamente trechos destes livros bíblicos, apresentando uma significação espiritual para os mesmos e apresenta, por fim, um Glossário, 17º capítulo e penúltimo da obra, onde desvenda palavras presentes nas escrituras cristãs, substituindo a “definição material de uma palavra bíblica”, elucidando o “significado inspirado que o escritor quis lhes dar”, ou um capítulo que “contém a interpretação metafísica de termos bíblicos e lhes dá o significado espiritual, que é também seu sentido original”<sup>78</sup>. Há, ainda, um décimo oitavo capítulo, como já mencionado, que traz testemunhos de cura pela leitura do livro, intitulado “Frutos da Ciência Cristã”.

Adentrando na primeira parte da obra, o/a leitor(a) é apresentado(a) a uma reflexão inicial sobre a *oração*. Para a filósofa, toda oração é mental e começa com o desejo não

---

<sup>78</sup> EDDY, M. B. *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2014, p.579

proferido, que aproximaria as pessoas da fonte de “toda existência e felicidade abençoada”. A oração audível, com fórmulas e frases prontas, seria isenta de compreensão espiritual e as súplicas trariam somente “os resultados da fé dos próprios mortais”, um resultado hipnótico induzido pela crença na religião.

As orações longas, a superstição e os dogmas cortam as vigorosas asas do amor e revestem de formas humanas a religião. Tudo o que materializa a adoração estorva o desenvolvimento espiritual do homem e o impede de demonstrar seu poder sobre o erro.<sup>79</sup>

É já neste primeiro capítulo que ela começa a detalhar seu sistema de cura. Afirma que o costume geral de orar pelo restabelecimento dos doentes é ajudado pela crença cega, enquanto que a ajuda deveria vir da compreensão esclarecida. As mudanças nas crenças podem ocorrer indefinidamente (crenças de estados de saúde e de doença, de estados emocionais e assim por diante), denomina-as de *mercadorias do pensamento humano* e, portanto, não são o resultado da Ciência divina.

A oração a um Deus corpóreo age sobre os doentes como uma droga, que não tem eficácia própria, mas toma seu poder emprestado da fé e da crença humanas. A droga nada faz, porque não tem inteligência. É a crença mortal, e não o Princípio divino, o Amor divino, que faz com que uma droga seja aparentemente venenosa ou curativa.

Segundo Eddy (2014), para “orar corretamente temos de cerrar os lábios e silenciar os sentidos materiais” e tal oração será atendida a medida em que agirmos de acordo com nossos desejos, pois deve-se orar em secreto e deixar que vida ateste a sinceridade de cada um(a). Neste capítulo ela faz a afirmação que gerou enorme polêmica e revolta por parte de grupos religiosos e conservadores na época: *o desejo é oração*. Se nenhum pensamento é desconhecido para Mente divina, aquilo que desejamos secretamente ficaria confiado a Deus.

Igualmente, é já neste capítulo que a autora apresenta seu conceito de *Pai-Mãe Deus*, apontando-o como significado espiritual na primeira frase da ‘Oração do Senhor’, o famoso ‘Pai Nosso’. Segue a “tradução” espiritual desta oração, segundo Eddy:

Pai Nosso que estás nos céus; *Nosso Pai-Mãe Deus todo(a) harmonioso(a)*/ Santificado seja o Teu nome; *Adorável Um(a) e Uno(a)*/Venha o teu reino; *O Teu reino já veio; tu estás sempre presente*/Faça-se a Tua vontade, assim na terra como no céu; *faz-nos saber que – como no céu, assim como na terra – Deus é onipotente, supremo*/ O pão nosso de cada dia

---

<sup>79</sup> EDDY, M. B. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2014, p.5

dá-nos hoje; *dá-nos graça para hoje, alimenta os afetos famintos/ E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores; E o Amor se reflete em Amor/ E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal; E Deus não nos deixa cair em tentação, mas livra-nos do pecado da doença e da morte/ Pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre; Pois Deus é infinito(a), todo poder, toda Vida, toda a Verdade, todo o Amor, está acima de tudo, e é Tudo.*<sup>80</sup>

O segundo capítulo de Ciência e Saúde é intitulado *Reconciliação e Eucaristia* e nele é trazido o conceito de unidade, do divino Um, da união da ideia individual homem/mulher com Deus. Tal teoria será depois desenvolvida de maneira mais detalhada em seu texto *A Unidade do Bem* publicado em 1887, no qual formula a doutrina de que Deus não pode ter consciência de coisa alguma diferente de Si mesmo; pois, sendo Ele(a) onipresente, não pode existir nada fora d'Ele(a).

Deus é Tudo-em-tudo. Portanto, Ele(a) só existe em Si mesmo, na Sua própria natureza e caráter, e é o Ser perfeito, consciência perfeita. Ele(a) é toda Vida e a Mente que há ou pode haver. Dentro de Si mesmo está corporificada toda a Vida e a Mente.<sup>81</sup>

Aqui é desenvolvido um dos conceitos chave da Ciência Cristã: Deus não conhece o mal. Ele(a) é incapaz de ver o pecado, a doença e a morte, pois é “tão puro de olhos, que não pode ver o mal e a opressão não pode contemplar”<sup>82</sup>. Assim sendo, só cabe aos mortais tentarem se aproximar ao bem, a Deus, à Verdade – que só enxerga o que é verdadeiro, bom, puro, harmonioso – para serem salvos daquilo que a autora denominará *erro*, a crença mortal, a matéria.

E, para que isso aconteça, ou seja, para que a *reconciliação* possa ter lugar, é necessário mudar de conceito. Essa mudança de conceito é mental e uma vez em que ocorre, quando há a compreensão da *unidade do bem*, do reflexo ou expressão infinita do bem que caracteriza e é substância do homem, se dá a práxis da metafísica de Eddy. Então, a mudança poderá ser observada também no plano “material”<sup>83</sup>. Em outras palavras, o Existir é o próprio Espírito (Deus), é espiritual, e todas coisas que vemos são, de fato, espirituais.

<sup>80</sup> A palavra Deus, em inglês, assim como os adjetivos que aqui o definem, são neutros e, portanto, não possuem flexão de gênero. A tradução com a opção da flexão ao feminino em parêntesis é uma opção nossa.

<sup>81</sup> EDDY, M. B. *A Unidade do Bem*. Boston: The Christian Science Board of Directors, 2010, p.3

<sup>82</sup> Livro de Habacuque 1:13 Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/hc/1/12,13>

<sup>83</sup> Pontuamos que de acordo com tal compreensão filosófica, o plano material na verdade não é material e sim expressão de uma compreensão espiritual, é como se é capaz de compreender/perceber a substância na imanência.

O terceiro capítulo, *O matrimônio*, traz entre seus conceitos, fundamentações e doutrinas, um verdadeiro manifesto contra as injustiças de gênero com epígrafes como *Os direitos da mulher* e *Discriminação injusta*, onde defende que a mulher receba seu próprio salário, participe de transações comerciais, deposite fundos e tenha autoridade sobre os filhos livre de interferências.

Neste capítulo ela discorre sobre a importância de que se mantenha um padrão mental harmonioso no lar para a criação das crianças, afirma que quando crianças pequenas manifestam sintomas de enfermidades, deve-se tratar mentalmente, por meio da Ciência Cristã, o pensamento da mãe ou cuidadores, especialmente dissolvendo o medo mediante a compreensão do bem.

Pondera, igualmente, sobre a questão dos afetos, afirmando que o casamento deveria ser um “centro para os afetos” e que “o ciúme é o túmulo do afeto”, chamando a atenção ao tipo de pensamento que deve ou não deve ocupar a mente. O amor ao ego, a vontade descontrolada, as futilidades, a ostentação, o orgulho, são efêmeros, trazem desarmonia e são base errônea para a felicidade do existir. Faz uma analogia entre pensamentos desarmoniosos que atraem situações a ambientes desarmoniosos e a música: “um ouvido desafinado toma a dissonância por harmonia, porque não aprecia a consonância”<sup>84</sup>.

É neste capítulo que advém o conceito de *quimicalização* mental formulado por Eddy, conceito este que depois será bastante estudado por praticantes da Ciência Cristã. Para apresentá-lo Eddy se apoia em Shakespeare: “Doce é o fruto da adversidade; Que, como o sapo, feio e venenoso, Traz na fronte joia preciosa.”<sup>85</sup>

A quimicalização é definida pela autora como uma fermentação mental que ocorre no momento em que o erro começa a ceder à verdade. Ela diz:

Aquilo que eu denomino *quimicalização* é a efervescência que se produz quando a Verdade imortal está destruindo a crença mortal errônea. A quimicalização mental traz à tona o pecado e a doença, obrigando as impurezas a desaparecerem, como no caso de um líquido em fermentação.<sup>86</sup>

A quimicalização seria a turbulência, a adversidade (Shakespeare) que causa um agravamento dos sintomas da doença ou de situações desarmoniosas durante um tratamento de

---

<sup>84</sup> EDDY, M. B. *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2014, p.60

<sup>85</sup> EDDY, M. B. *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*. Boston: The Christian Science Board of Directors, 2014, p.66

<sup>86</sup> EDDY, M. B. *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*. Boston: The Christian Science Board of Directors, 2014, p.401

cura pela Mente. Porém isso não é ruim, uma vez que sinaliza “o processo pelo qual passam a mente mortal e o corpo mortal na mudança de crença de uma base material para uma base espiritual”<sup>87</sup> e significa que o paciente está curado.

Finaliza este capítulo discorrendo sobre a aparição do homem-mulher real e ideal, perfeito e eterno, filho(a) do(a) Pai-Mãe Deus, assegurando que é fato científico que, assim como o universo, procede do Espírito (Deus), e que, portanto, é espiritual, sendo Deus seu/sua criador(a). Este homem-mulher mortal alcança o sendo da saúde à medida que perde o senso de “pecado”<sup>88</sup> e de doença.

Os mortais nunca poderão compreender a criação de Deus enquanto crerem que o homem seja criador. Os filhos de Deus já existem e só serão percebidos à medida que o homem descobrir a verdade a respeito do existir. Assim é que o homem real e ideal aparece, na proporção em que o falso e material desaparece. “Não mais casar nem ser dado em casamento” não põe termo à continuidade do homem, nem põe termo a seu senso de aumento numérico no plano infinito de Deus. Compreender espiritualmente que há um só Criador, Deus, desdobra toda a criação, confirma as Escrituras, traz a doce segurança de que não há separação nem dor, e de que o homem é imorredouro, perfeito e eterno.<sup>89</sup>

Em seguida, inicia o quarto capítulo, “A Ciência Cristã frente ao Espiritualismo” desdobrando as fundamentações apresentadas até agora, a de que o homem/mulher é o reflexo divino, que há um só Espírito (Deus) e não diversos espíritos. Que o ser humano é identidade criada por Deus e faz parte desse todo, não possui mente separada, apesar de diferentes individualidades, possui a mesma identidade dentro do Todo (Uno). Afirma que espiritualismo tem bases materiais e é contrário à Ciência Cristã; “os *espíritos*, assim denominados, são apenas comunicadores corpóreos” (Eddy, 2014, p.72), seriam crença material e a matéria não faz parte da realidade inteligente.

Logo depois, no capítulo *Desmascarado o Magnetismo Animal*, o mais curto da obra, com apenas 7 páginas, Eddy tratará do que ela denomina crença material, mesmerismo, erro, o mal ou a serpente da Bíblia. “Como é usada na Ciência Cristã, a expressão magnetismo animal ou hipnotismo é o termo específico para o erro, ou seja, a mente mortal” (Eddy, 2014, p.103). Seu conceito de mal enquanto ilusão de uma mente mortal (que é ao mesmo tempo a fonte e o

<sup>87</sup> EDDY, M. B. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. Boston: The Christian Science Board of Directors, 2014, p. 60-61

<sup>88</sup> O pecado na definição de Eddy vem do grego “errar o alvo” e não possui um sentido moralista muitas vezes difundido por religiões cristãs. O pecado nada mais é do que afastar-se da substância divina, verdadeira identidade do homem/mulher.

<sup>89</sup> EDDY, M. B. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. Boston: The Christian Science Board of Directors, 2014, p.69

próprio mal em si) é uma das abordagens mais interessantes da obra e, apesar de ser tratada de forma mais específica concisamente neste breve capítulo – uma vez que não deve se ater o pensamento no erro e sim, na Verdade, no bem – os conceitos de *ilusão* e *delusão* perpassam por toda sua obra, assim como sua percepção por meio dos 5 sentidos físicos (os quais ela denomina sensualidade material). Segundo Eddy, o mal não é poder e seu “pretensão despotismo é apenas uma fase do nada”.

A partir de então, estabelecidos estes conceitos, nos capítulos seguintes versará sobre a descoberta de sua doutrina e sobre o estabelecimento prático de seu sistema filosófico-teológico. Dará luz ao seu conceito de metafísica, o qual apresentaremos no seguinte subtítulo e desenvolverá toda uma metodologia para a prática e o ensino da Ciência Cristã.

“A instrução acadêmica adequada é indispensável. A observação, a invenção, o estudo e a originalidade de pensamento tendem a se expandir e deveriam levar a mente mortal a sair de si mesma, para fora de tudo o que é mortal”<sup>90</sup>, a citação precedente encontra-se no capítulo *A Fisiologia*, onde Eddy propõe-se a comprovar a causa material da enfermidade e estabelece um sistema de cura espiritual, o qual afirma ser científico. Apresentando, neste momento, Deus como Princípio: “deveríamos abandonar a base da matéria e aceitar a Ciência metafísica e seu Princípio divino” (Eddy, 2014); indica que sempre há um princípio causador em disciplinas como a astronomia, a história natural, a química, a música, a matemática, onde o raciocínio, o pensamento, vai com naturalidade do efeito à causa. Assim seria também na Ciência Cristã que, neste caso, teria também um Princípio, mas neste caso com maiúscula, e que seu estudo não é mero dogma, nem teoria especulativa, os quais ela denomina como barbarismos do ensino.

Posteriormente, ao longo do capítulo mais extenso de Ciência e Saúde, com 81 páginas, discorre sobre *A prática da Ciência Cristã*. Nele, a autora desenvolve seus “conceitos metafísicos vitais”<sup>91</sup> e pretende demonstrar como a “mente mortal” afeta o corpo, agindo de modo benéfico ou nocivo sobre a saúde, assim como sobre a moral e a felicidade dos mortais. Explica que é necessário lançar a influência mental para o lado correto e que a doença é formada pela mente humana e não pela matéria nem pela Mente divina.

Neste mesmo capítulo, desenvolve melhor seu conceito de *quimicalização* que seria a agitação que se produz quando a Verdade imortal está destruindo a crença mortal errônea. Afirma que a “quimicalização mental traz à tona o pecado e a doença, forçando a eliminação

---

<sup>90</sup> EDDY, M. B. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. Boston: The Christian Science Board of Directors, 2014, p.195

<sup>91</sup> EDDY, Mary Baker. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. Boston: The Christian Science Board of Directors, 2014, p. 397

das impurezas, como no caso de um líquido em fermentação” (Eddy, 2014) e assegura que o efeito que produzido pelo medicamento depende da ação mental.

Igualmente, aprofunda questões conceituais sobre o *erro, o mesmerismo ou hipnotismo* que já havia trazido em um capítulo anterior (A ciência, a teologia e a medicina) onde menciona doenças imaginárias:

A doença aparece, tal como outras condições mentais, por associação de ideias [...] O seguinte incidente é um exemplo desse fato da metafísica: fizeram crer a um homem que ele estava ocupando uma cama em que um doente de cólera havia ocorrido. Imediatamente lhe apareceram os sintomas dessa doença e o homem morreu. O fato é que ele não tinha contraído cólera por contato material, porque nenhum paciente de cólera havia ocupado aquela cama.<sup>92</sup>

Após a sistematização da prática da Ciência Cristã, no décimo terceiro capítulo da obra, Eddy discorre sobre o “Ensino da Ciência Cristã” (título do mesmo) e logo no início dá a orientação aos alunos a tratarem com “amor e bondade, não só as diferentes formas de religião e de medicina, mas também aqueles que adotam essas opiniões diferentes”<sup>93</sup> e afirma que o bem tem de predominar nos pensamentos de quem cura.

Neste capítulo, são pontuados aspectos da doutrina que devem ser transmitidos pelos(as) professores(as) de Ciência Cristã a seus/suas alunos(as) oferecendo bases metafísicas para alcançar a saúde e uma vida harmoniosa.

A ontologia é definida como “a ciência dos elementos que constituem intrinsecamente todos os seres e as relações entre eles”, e encontra-se na base de toda prática metafísica. Nosso sistema de cura pela Mente assenta sobre a compreensão da natureza e da essência de todo o existir — assenta sobre a Mente divina e as qualidades essenciais do Amor. Sua farmacologia é moral e sua medicina é intelectual e espiritual, embora sejam aplicadas à cura física. Não obstante, essa é a parte mais fundamental da metafísica e é a mais difícil de compreender e demonstrar, pois para o pensamento material tudo é material, até que tal pensamento seja retificado pelo Espírito.<sup>94</sup>

No seguinte subtítulo, adentraremos propriamente neste conceito de metafísica elaborado por Eddy, cuja compreensão, segundo a autora, traz cura e elevação espiritual. Entretanto, é mister pontuar, desde já, que apesar de se tratar de uma obra teológica e que

<sup>92</sup> EDDY, Mary Baker. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. Boston: The Christian Science Board of Directors, 2014, p.154

<sup>93</sup> EDDY, Mary Baker. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. Boston: The Christian Science Board of Directors, 2014, p. 444

<sup>94</sup> EDDY, Mary Baker. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. Boston: The Christian Science Board of Directors, 2014, p. 460



estabelece os alicerces para a fundação de uma nova religião, sua fundamentação recorre a todo momento a conceituações filosóficas como é possível notar na citação acima.

Antes de iniciar a segunda parte do livro, intitulada “A Chave das Escrituras” – em que a autora oferece explicações ou “traduções e interpretações espirituais” de conteúdos bíblicos – há um capítulo de conclusão e revisão dos conceitos apresentados em “Ciência e Saúde” cujo título é “Recapitulação”. Este capítulo foi redigido a partir dos manuscritos utilizados por Eddy em suas primeiras lições aos alunos da Faculdade de Metafísica de Massachussets.

Formulado a partir de perguntas e respostas são fornecidas explicações para questões como “o que são o corpo e a alma”; se “pensa o cérebro, sentem os nervos e existe inteligência na matéria”; ou ainda, “o que é a crença”. Ao final do mesmo, Eddy afirma que os cientistas cristãos não têm nenhum dogma religioso ou crenças doutrinárias e faz uma breve relação dos pontos teológicos que considera importantes, ou seja, dos fundamentos da Ciência Cristã.

A última parte de obra traz uma “interpretação espiritual” dos livros de “Gênesis” e “Apocalipse”, um Glossário com a definição de centenas de verbetes bíblicos a partir dos conceitos criados pela autora e, finalmente, um capítulo final intitulado “Frutos” onde são apresentados relatos de diferentes curas a partir da leitura do livro, entre elas reumatismo, hérnia, astigmatismo, fibroma, catarata, entre várias outras.

## 2.2. O Conceito de Metafísica na Obra de Mary Baker Eddy

A filosofia humana apresenta a Deus como se fosse semelhante ao homem. A Ciência Cristã mostra que o homem é semelhante a Deus. Aprimeira é erro; a última é verdade. A metafísica está acima da física, ea matéria não entra nas premissas nem nas conclusões metafísicas. As categorias da metafísica assentam sobre uma única base, a Mente divina. A metafísica explica que as coisas são pensamentos e substitui os objetos dos sentidos pelas ideias da Alma.<sup>95</sup>

Na página 65 de *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*, Eddy utiliza pela primeira vez a *metafísica* como conceito pilar de seu sistema de ensino e de sua filosofia-teologia, quando afirma que “para alcançar a Ciência Cristã e a harmonia, a vida deve ser considerada mais metafisicamente”.<sup>96</sup>

<sup>95</sup> EDDY, M. B. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2014, p. 269

<sup>96</sup> EDDY, M. B. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2014, p.65

A autora parafraseia o juiz Parmenter e afirma que “não vê razão para que a metafísica não seja tão importante na medicina como é na mecânica ou na matemática”<sup>97</sup>; uma vez que ela entende que, os pensamentos não estão separados do corpo, portanto, têm efeitos diretos sobre ele. Aí se encontra o sistema de cura que ela denominou Ciência Cristã.

A Ciência Cristã é natural, mas não é física. A Ciência de Deus do homem não é sobrenatural, assim como não é sobrenatural a ciência da matemática, mas tendo em vista que a Ciência de Deus, do Espírito, se aparta do reino físico, como tem de se apartar, talvez alguns lhe neguem o direito ao nome Ciência. O princípio da metafísica divina é Deus; a prática da metafísica divina é a utilização do poder da Verdade sobre o erro; suas regras demonstram sua Ciência. A metafísica divina inverte as hipóteses deturpadas e físicas quanto à Deidade, do mesmo modo que a explicação da óptica rejeita a imagem que incide e se inverte, e mostra o que essa imagem invertida de fato representa.<sup>98</sup>

De fato, antes de concluir que seu sistema metafísico para tratar a doença era demonstrável e, por conseguinte, científico, Eddy o submeteu “às mais amplas provas práticas”<sup>99</sup> (o que incluía, indução, placebo e homeopatia). Para tanto, sistematizou seu método de estudo e práxis metafísica de forma compreensível e adequada ao pensamento científico, tendo em vista, igualmente, a transmissão desses ensinamentos aos seus alunos.

Sua hipótese era demonstrar cientificamente o Princípio<sup>100</sup> divino, metafísico, o qual, ela intuiu – após a recuperação miraculosa do acidente sofrido – estar por trás das curas realizadas por Jesus, o Cristo<sup>101</sup>. Desejava descobrir as regras para a aplicação desse Princípio ao restabelecimento da saúde<sup>102</sup> e, assim, realizou durante anos pesquisas e experimentos (medicamentos, vegetarianismo, infusões, homeopatia, hidropatia, placebos, etc.) para observar e chegar à conclusão de que a condição de dependência da matéria na ação sanadora

<sup>97</sup> EDDY, M. B. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2014, p.105

<sup>98</sup> EDDY, M. B. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2014, p. 111

<sup>99</sup> EDDY, M. B. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2014, p.

<sup>100</sup> Princípio, com maiúscula, (ao lado de Vida, Verdade, Amor, Mente, Espírito e Alma) é um dos 7 sinônimos de Deus que compõem a doutrina metafísica de Eddy. Talvez seja esta a definição mais inovadora que ela nos traz, pois é onde entrariam os conceitos de lei, regra e preceito metafisicamente estabelecidos.

<sup>101</sup> Na página 313 de *Ciência e Saúde*, a autora afirma que Jesus de Nazaré foi o homem mais científico que já existiu por penetrar debaixo da superfície material das coisas e, assim, encontrar a causa espiritual. Já o Cristo, que em grego, significa “o ungido” seria um atributo dividido expressado pelo homem humano (Jesus de Nazaré) e que pode, igualmente, ser expressado por qualquer pessoa. Portanto ela utiliza Cristo Jesus ou Jesus, o Cristo em vez do uso corrente Jesus Cristo.

<sup>102</sup> EDDY, M. B. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2014, p. 147

não era infalível e que a saúde e a harmonia provinham de uma fonte, inteira e verdadeiramente, espiritual.

A autora afirma que o único princípio ativo na cura é espiritual, divino, demonstrado por meio da mente, ou seja, do pensamento e, assim, define a deidade como Mente e Princípio. Estes conceitos, com maiúscula, estão intimamente vinculados à Ciência – aqui também com maiúscula – uma vez que emanam da ação espiritual e não dependem da crença na matéria farmacológica.

Seria a operação do Princípio divino que, ao ser aplicado corretamente, faria com que a adversidade – sejam doenças, questões existenciais, dificuldades físicas ou emocionais – deixe de ter realidade na consciência individual, ou coletiva, e cesse de se manifestar. Afirma que a desarmonia é nada mais que uma ilusão da mente mortal e que não faz parte da realidade divina; realidade esta que pode ser vista e vivida por qualquer pessoa que aplique sua metodologia. Para os cientistas cristãos, como se denominava o grupo de alunos da pensadora, “o céu (assim como o inferno) era um estado de consciência que pode ser experimentado aqui e agora a medida em que se compreende a realidade”<sup>103</sup>. A citação abaixo, ilustra a posição da autora:

Fizeram crer a um homem que ele estava ocupando a cama em que um doente de cólera havia morrido. Imediatamente lhe apareceram os sintomas dessa doença, e o homem morreu. O fato é que ele não tinha contraído cólera por contato material, porque nenhum paciente de cólera havia ocupado aquela cama.<sup>104</sup>

Eddy conclui que a metafísica é decisiva para a cura física. No decorrer do século passado surgiram teorias inspiradas nas questões emocionais, na psicologia e na física quântica para curar o corpo de enfermidades, especialmente desde que Albert Einstein, durante as primeiras décadas do século XX, iniciou seus estudos e descobertas sobre a equivalência da matéria em energia. Alguns estudiosos afirmam, atualmente, que o sistema metafísico descrito por Eddy seria o passo seguinte para além do quântico, uma vez que na metafísica a matéria (seja ela diluída como nas fórmulas homeopáticas ou entendida como energia atômica) desaparece inteiramente do remédio e “a Mente toma seu próprio lugar, legítimo e supremo”<sup>105</sup>.

<sup>103</sup> PEEL, R. **Mary Baker Eddy: the years of discovery**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2003. p.7

<sup>104</sup> EDDY, M.B. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2014, p.154

<sup>105</sup> EDDY, M. B. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2014, p. 156

Eddy entende os sistemas mencionados acima como “semi-metafísicos”, pois ainda que considerem a qualidade dos pensamentos no diagnóstico da doença, ou diluam a matéria, falham onde a Ciência Cristã avança, uma vez que para ela o “único Princípio de cura reconhecido é a Mente, e toda a força do elemento mental é empregada por meio da Ciência da Mente, que nunca compartilha seus direitos com a matéria inanimada.”<sup>106</sup> Nestes sistemas, a matéria, ainda que em forma de “energia” se encontra presente.

Foi no ano seguinte, 1905, que Einstein escreveu seu primeiro artigo sobre a relatividade. No final deste mesmo ano, em um segundo artigo, concluiu que toda energia, de qualquer tipo, possui massa. Mas levou até 1907 para “chegar à estupenda percepção de que o inverso também é válido: que toda massa, de qualquer tipo, também possui energia” – e mais vinte e cinco anos para verificar quantitativamente a famosa equação de 1907,  $E = mc^2$ , na qual ele expressa essa equivalência de massa e energia.<sup>107</sup>

Ao final de 1905 e no início de 1906 Eddy esteve trabalhando em sua maior revisão de Ciência e Saúde. Segundo Peel (2003), uma pequena mudança foi feita durante esse período: foram adicionadas duas palavras à uma frase que, em seu entendimento final, se refere à “luta entre a ideia do poder divino, que Jesus apresentou, e a inteligência material mitológica, chamada energia, que é oposta ao Espírito”<sup>108</sup>.

Observa-se que as duas palavras adicionadas em 1906 – *chamada energia*, que a própria Eddy escreveu em itálico – apontam para sua evidente convicção de que identificar a matéria e sua alegação de inteligência como energia era um passo útil em direção ao reconhecimento adicional de que “a força física e a mente mortal são um e a mesma coisa”<sup>109</sup>, que seriam um modo falso de consciência, ou um equívoco, uma má compreensão do existir, reduzindo-o em última análise a uma limitação impossível, dado que o Espírito é infinito.

A influência divina na consciência humana seria, segundo Eddy, a sua grande descoberta. O pensamento precisa ser espiritualizado para que a cura, que para ela é a demonstração objetiva e científica da metafísica, possa acontecer. A expressão prática desse

<sup>106</sup> EDDY, M. B. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2014. p. 157

<sup>107</sup> Tradução livre da autora: “It was in the next year, 1905, that Einstein wrote his first paper on relativity. At the end of the year, in a second paper, he concluded that all energy of whatever sort has mass. It took him until 1907 to “come to the stupendous realization that reverse must also hold: that all mass, of whatever sort, must have energy” – and twenty-five more years to verify quantitatively that famous 1907 equation  $E=mc^2$  in which he expresses this equivalence of mass and energy.” In: Peel, R. **Mary Baker Eddy: the years of authority**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2003. p.303

<sup>108</sup> EDDY, M. B. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2014, p. 534

<sup>109</sup> EDDY, M. B. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2014, p. 484

alcance, onde a substância espiritual é capaz de intervir e mudar a matéria, seria a *Ciência do Existir* e – por ser ação divina na consciência humana e ter sido demonstradas curas efetuadas por Jesus Cristo e seus seguidores – Eddy opta por denominá-la *Ciência Cristã*, afirmando:

As proposições fundamentais da metafísica divina se resumem nas quatro proposições seguintes, que para mim são evidentes por si mesmas. Ainda quando invertidas, veremos que essas proposições concordam no enunciado e na prova, mostrando matematicamente sua relação exata com a Verdade. De Quincey diz que a matemática não tem uma única base que não seja puramente metafísica.

[...] A metafísica da Ciência Cristã, tal como o método da matemática, prova a regra por inversão. Por exemplo: não há dor na Verdade, não há verdade na dor; não há nervo na Mente, e não há mente no nervo; não há matéria na Mente, e não há mente na matéria; não há matéria na Vida, e não há Vida na matéria; não existe matéria no bem, e não existe bem na matéria.<sup>110</sup>

No percurso de seus estudos, Eddy manifestava seu interesse em estabelecer um novo conteúdo para a metafísica, pois, considerava que a literatura filosófica até ali – século XIX – não havia tocado no ponto mais importante, que em sua percepção seria o poder da Mente de dissipar a crença na matéria e de ver a realidade espiritual, ainda que em relances. Tal compreensão, daria ao estudante de sua doutrina a capacidade de perceber que a matéria não passa de uma imagem na “mente mortal” e que, quando se chega a essa constatação, é possível intervir na realidade física trazendo de fato a realidade espiritual, que seria perfeita e imutável, à percepção humana.

O princípio metafísico na tradição filosófica sugere a *transcendência* da realidade sensível ou do mundo físico, algo que comparece nas elaborações de Eddy. Porém, a autora não se vale da dicotomia da realidade em duas, pois, a ideia para ela é uma só, indestrutível e eterna<sup>111</sup> – o mundo dos sentidos seria fruto da denominada “mente mortal” que crê que a matéria tenha substância. Sua metafísica desafia a própria física uma vez que é o oposto das hipóteses materialistas e é a realidade verdadeira. Para ela, havia um “desafio materialista”, uma vez que “a crença em uma base material, da qual se possa deduzir toda racionalidade, está lentamente cedendo à ideia de uma base metafísica, está desviando sua atenção da matéria como causa, e vendo que a Mente é a causa de todo efeito” (Eddy, 2014, p.268). Seria necessário estudar a fundo esses preceitos para colocarem prática a “Ciência do

<sup>110</sup> As quatro proposições são: “1. Deus é Tudo-em-tudo. 2. Deus é o bem. O bem é a Mente. 3. Deus, o Espírito, sendo tudo, nada é matéria. 4. A Vida, Deus, o bem onipotente, negam a morte, o mal, o pecado, a doença. – A doença, o pecado, o mal, a morte, negam o bem, o onipotente Deus, a Vida”. EDDY, M. B. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2014, p. p.113

<sup>111</sup> Segundo Eddy, “as ideias são perfeitamente reais e tangíveis”. EDDY, M. B. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2014, p. 269.

Existir”.

Assim como Eddy desafiou a teologia de sua época, a meados do século XVII, René Descartes, em *Meditações sobre a filosofia primeira*, trabalho dedicado aos professores de teologia da Sorbonne, também o fez. Ao refletir sobre o que é o homem, o filósofo francês concluiu que somos “coisas pensantes”. Contudo, diferenciou o corpo e alma e considerou a existência de três diferentes substâncias, sendo elas, 1) Deus, 2) a coisa extensa e 3) a coisa pensante. Para Eddy, há uma única substância, espiritual, e tudo mais é parte ou reflexo dela. A substância única é Deus, que não tem gênero, uma vez que é espiritual e que, portanto, se pode ser chamada de Pai, também poderá ser chamada de Mãe. Nada pode ter existência separada da substância, entretanto, não somos capazes, neste estado de consciência que ela definiu como “mente mortal” de percebê-lo.

Para corroborar com sua argumentação, Eddy lança mão das palavras de Jesus: “O reino de Deus está dentro de vós” e afirma que, vislumbrar essa realidade espiritual, da substância única, é uma possibilidade presente. Se o reino de Deus é aqui e agora, a morte não seria necessária para que se possa vivenciar uma realidade distinta, um paraíso além vida. A compreensão da existência de tal realidade e a prática de sua doutrina sistematizada, para a qual ela havia se dedicado durante os 3 anos posteriores a 1866 no intuito estabelecer uma regra confiável<sup>112</sup>, seriam suficientes para experimentar a harmonia e o bem. Segundo Peel (2003), essa ênfase dada por Eddy no princípio e na regra apontava diretamente ao tema da autoridade científica.

Democracia sem lei constituída rapidamente torna-se anarquia, assim como a ciência sem uma metodologia acertada seria mero achismo. Durante as últimas duas décadas de sua vida, Eddy abordou sozinha este problema, não em termos teóricos, mas como uma *mulher* que enfrentava a necessidade de implementar e salvaguardar sua visão de mundo.<sup>113</sup>

As realizações de uma mulher a partir de seu pensamento inovador e de sua escrita singular no século XIX eram, obviamente, rechaçados pela sociedade mais conservadora e patriarcal. Virginia Woolf, em *Um Teto Todo Seu*, mencionou as enormes dificuldades que sempre tivemos, como mulheres, para escrever, seja devido ao nosso papel social e pelas funções que isso acarreta, como o trabalho doméstico e a criação dos filhos, por exemplo;

<sup>112</sup> EDDY, M. B. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2014, p. 109

<sup>113</sup> Tradução livre de PEEL, Robert. **Mary Baker Eddy: The years of Authority**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2003. No original: “For the last two decades of her life, Mrs. Eddy addressed herself to this problem not in theoretical terms but as a woman facing the need both to implement and to safeguard her vision for the world.”

seja pela dependência financeira ou pelo tempo de que não dispúnhamos. “Dê- lhe um teto todo seu e quinhentas libras por ano, deixe-a abrir sua mente e liberar metadado que agora ocupa-a, e ela escreverá um livro melhor em algum dia desses”<sup>114</sup> escreveu Woolf em 1928.

Até a época em que vive Eddy, as faculdades ainda não admitiam mulheres entre seus estudantes, e nem era permitido por lei que a mulher tivesse posse de propriedade e nem o direito ao voto. Ainda assim, diante das inúmeras dificuldades, físicas, financeiras e de gênero, ela não apenas escreveu como criou uma filosofia própria.

Portanto, era imperioso fundamentar e sistematizar seu sistema metafísico, o qual ela começa a com definição de oração, uma vez que o princípio da metafísica, para a autora, é Deus, sua primeira regra a unidade, sua denominação a Mente e a regra primordial para seu aprendizado seria o “tudo em um”<sup>115</sup>.

Para a filósofa, a oração não consiste em repetir frases prontas, não possui uma “fórmula”, não é algo “mágico” e não precisa ser dita em voz alta, uma vez que Deus não é movido por expressões de louvor. Segundo a autora, “o Todo-amoroso não atende aos nossos pedidos simplesmente com base em meras palavras, pois Ele já sabe tudo”<sup>116</sup>. A oração consiste em pensamentos, que não precisam ser proferidos, pois todos os pensamentos são conhecidos pela Mente divina. Os pensamentos humanos são desejos e são esses desejos que incidem na oração.

Essa oração tem a finalidade de nos colocar em harmonia com a Ciência do Existir (que não pode ser modificada por ela) e que versa no bem alcançando a demonstração da Verdade. Portanto seria uma oração científica. Seria ineficaz suplicar à Mente divina, assim como se suplica a outro ser humano, uma vez que isso perpetuaria a crença de que “Deus seja circunscrito a condições humanas, e esse erro impede o crescimento espiritual”.<sup>117</sup> Os seres humanos não podem modificar a perfeição (Deus) e nem informar a Mente infinita algo que já não compreenda. O que podem fazer é colocar seus pensamentos, sua consciência hipnotizada pela crença no mal, na matéria, em harmonia com a perfeição, a realidade espiritual. Não se pode pedir a Deus que seja Deus, não precisamos lembrá-lo de fazer o certo e informá-lo sobre o seu dever.

A partir daí, Eddy define 7 sinônimos para Deus: *Amor, Mente, Vida, Verdade,*

<sup>114</sup> WOOLF, V. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014. p. 134

<sup>115</sup> PEEL, Robert. **Mary Baker Eddy: The years of Authority**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2003. P. 215

<sup>116</sup> EDDY, M. B. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2014, p. 2

<sup>117</sup> EDDY, M. B. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2014, p. 2

*Princípio, Espírito e Alma.* E, ainda amplia, afirmando que Deus é incorpóreo, divino, supremo, infinito e a substância única de todas coisas. Portanto, não possui gênero, assim denomina Deus como Pai-Mãe.

Para captar a realidade e a ordem do existir, na sua Ciência, tens de começar por reconhecer que Deus é o Princípio divino de tudo o que realmente existe. O Espírito, a Vida, a Verdade, o Amor são um só — são os nomes bíblicos para Deus. Toda a substância, a inteligência, a sabedoria, a existência, a imortalidade, a causa e o efeito pertencem a Deus. Esses são Seus atributos, as manifestações eternas do infinito Princípio divino, o Amor. Nenhuma sabedoria é sábia, senão a sabedoria dEle; nenhuma verdade é verdadeira, a não ser a divina; nenhum amor é amoroso, a não ser o divino; nenhuma vida é Vida, a não ser a divina; nenhum bem existe, a não ser o bem que Deus outorga. Completude divina \_ A metafísica divina, como é revelada à compreensão espiritual, mostra com clareza que tudo é a Mente, e que a Mente é Deus, a onipotência, a onipresença, a onisciência — isto é, todo o poder, toda a presença, toda a Ciência. Por isso, em realidade, tudo é a manifestação da Mente.<sup>118</sup>

Seguem, algumas definições de Eddy, de maneira breve, para maior entendimento de seu sistema metafísico:

- **Alma:** A Alma é sinônimo do Espírito, Deus, o Princípio infinito, criador e governante e que as formas só refletem. O termo almas ou espíritos é tão impróprio como o termo deuses. A palavra Alma ou Espírito designa a Deidade e nada mais. Não existe alma finita nem espírito finito. A Alma, o Espírito, significa uma Mente só, e esses termos não podem ser empregados no plural. A mitologia pagã e a teologia judaica perpetuaram a falácia de que a inteligência, a alma e a vida possam estar na matéria; e a idolatria e o ritualismo são a consequência de todas as crenças criadas pelos homens.

- **Amor:** O Princípio divino é o Amor, e o Amor é a Mente, e a Mente não é tanto boa quanto má, porque Deus é a Mente; por isso, em realidade, há uma Mente só, porque só existe um Deus. O Amor, está por baixo, por cima e em volta de todo o verdadeiro existir. O Amor está sempre presente, é divino e inesgotável.

- **Espírito:** A teologia e a física ensinam que o Espírito e a matéria são ambos reais e bons, quando de fato é o Espírito que é bom e real, e a matéria é o oposto do Espírito. É o invisível e indivisível Deus infinito. É a demonstração do conceito de Cristo. O Cristo era o Espírito ao qual Jesus se referiu nas suas próprias declarações: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida”; “Eu e o Pai somos um”. Esse Cristo, o caráter divino do homem Jesus, era sua natureza divina, a santidade que o animava.

---

<sup>118</sup> EDDY, M. B. *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2014, p. 275



- **Espíritos:** Crenças mortais; corporalidade; mentes malévolas; supostas inteligências, ou deuses; os opostos de Deus; erros, alucinações.
- **Homem:** A ideia composta que se origina no Espírito infinito; a imagem e semelhança espiritual de Deus; a plena manifestação da Mente.
- **Inteligência:** A inteligência é a onisciência, a onipresença e a onipotência. É a qualidade primordial e eterna da Mente infinita, do Princípio trino e uno – a Vida, a Verdade e o Amor – denominado Deus.
- **Mãe:** Deus; o Princípio divino e eterno; a Vida, a Verdade e o Amor.
- **Matéria:** Mitologia; mortalidade; outro nome para a mente mortal; ilusão; inteligência, substância e vida na não-inteligência e na mortalidade; vida que resulta em morte, e morte que resulta em vida; sensação naquilo que não tem sensação; mente que se origina na matéria; o contrário da Verdade; o contrário do Espírito; o contrário de Deus; aquilo de que a Mente imortal não tem conhecimento; aquilo que a mente mortal apenas acredita ver, sentir, ouvir, provar e cheirar.
- **Mente:** A Mente é Deus. Existe uma única Mente, infinita. Os mortais acreditam na existência de outra(s) mente(s), mas isso é uma crença. A mente dos seres humanos é a mesma mente de Deus, atua como um reflexo, uma vez que o homem é a expressão daquilo que Deus é. A Mente divina mantém distintas entre si todas as identidades, desde a de uma folha de relva até a de uma estrela.
- **Mente mortal:** o nada que alega ser algo, pois a mente é imortal; mitologia, erro que cria outros erros; um suposto sendo material, isto é a crença de que a sensação esteja na matéria, que é isenta de sensação; uma crença que a vida, a substância e a inteligência estejam na matéria e sejam constituídas de matéria; o contrário de Deus, do bem; a crença de que a vida tenha começo e, portanto, tenha fim; a crença de que possa haver mais de um Criador; idolatria; os estados subjetivos do erro; os sentidos materiais; aquilo que não existe na Ciência, nem pode ser reconhecido pelo senso espiritual; pecado; doença; morte.
- **Milagre.** Aquilo que é divinamente natural, mas que tem de ser aprendido humanamente; fenômeno da Ciência.
- **Pai:** a Vida eterna; a Mente única; o Princípio divino comumente chamado Deus.
- **Panteísmo:** a crença na inteligência da matéria e de que a criação se origina na matéria. Dualismo, pois depende da existência de qualidades contrárias. Interpreta mal a verdadeira substância e origem da vida e é, portanto, a base da discórdia na experiência humana.
- **Realidade:** a realidade, para Eddy, é espiritual. Para perceber a realidade é necessário desenvolver a *consciência espiritual*, de que existe um Princípio divino da harmonia que está

sempre presente com as pessoas. A não percepção da realidade é fruto do senso corpóreo, material, errôneo. Entretanto, a consciência espiritual é uma possibilidade presente que permite compreender que não existe morte, nem tristeza e nem dor (seriam estes apenas estados hipnóticos); é possível perceber a realidade no “atual estado da experiência humana” (Eddy, 2014, p.573), como um vislumbre antecipado da Ciência Cristã absoluta.

- **Serpente** (ophis, em grego; nachash, em hebraico): Astúcia; mentira; o contrário da Verdade, denominado erro; a primeira declaração da mitologia e da idolatria; a crença em mais de um Deus; magnetismo animal; a primeira mentira da limitação; o finito; a primeira alegação de que exista um oposto do Espírito, ou seja, do bem, oposto esse chamado matéria, ou o mal; a primeira *delusão* de que o erro exista como fato; a primeira alegação de que o pecado, a doença e a morte sejam as realidades da vida. A primeira alegação audível de que Deus não era onipotente e de que existia outro poder, denominado o mal, que seria tão real e eterno como Deus, o bem.

- **Substância:** aquilo que é eterno e incapaz de manifestar desarmonia e sofrer deterioração. Deus é a única substância verdadeira.<sup>119</sup> Não há substância na matéria, o primeiro postulado errôneo da crença é que a substância, a vida e a inteligência sejam algo separado de Deus.

- **Tempo:** Medições mortais; limites, dentro dos quais se resumem todos os atos, pensamentos, crenças, opiniões e conhecimentos humanos; matéria; erro; aquilo que começa antes e continua depois da ocorrência que se denomina morte, até que o mortal desapareça e a perfeição espiritual apareça. O tempo espiritual (real) é o Aeon, não o Cronos, sinônimo de Logos.

- **Vida:** A Vida é o Princípio Divino, a Mente, a Alma, o Espírito. A Vida não tem começo e nem fim. A eternidade, não o tempo (conceito de Aeon), é o que expressa a ideia de Vida, e o tempo não faz parte da eternidade<sup>120</sup>. a Vida é, sempre foi, e sempre será, independente da matéria; pois a Vida é Deus, e o homem é a ideia de Deus, formado de maneira espiritual e não material, e não sujeito a decomposição e ao pó.

Percebe-se que Eddy, assim como Platão e Agostinho – com o mundo das ideias e o mundo dos sentidos ou o mundo de Deus e o mundo das coisas – criou uma teoria de dois mundos, um da verdade e outro da mentira, uma das coisas perfeitas e outro das coisas imperfeitas,

---

<sup>119</sup> EDDY, M. B. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2014, p. 468

<sup>120</sup> EDDY, M. B. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. Boston: The Christian Science Publishing Society, 2014, p. 458

um do tudo (realidade espiritual) e outro do nada (realidade material).

Esta “dualidade” estaria descrita na Bíblia – a maior fonte de investigação da autora – no primeiro e no segundo capítulo do livro de Gênesis; sendo o primeiro a descrição o homem criado como o reflexo do Criador, perfeito, incorpóreo, infinito em sua harmonia (neste capítulo Deus é Eloim) e o segundo a descrição do homem material, Adão, Adam (*a-dam*, em inglês, significa *uma barragem*, aquilo que impede ou obstrui a visão da realidade). O segundo capítulo de Gênesis, a expulsão do paraíso, representaria, portanto, o momento em que o homem e a mulher começam a crer na matéria; neste capítulo Deus começa a ser chamado de Jeová, um deus punitivo, moralista que segundo Eddy não é o mesmo Eloim.

Entre a longa definição de Adão descrita no livro *Ciência e Saúde* encontramos: “erro, uma falsidade; a crença no pecado original, na doença e na morte; o mal (...) uma crença de que haja matéria inteligente, uma crença no finito e na mortalidade; pó que torna ao pó; o nada; primeiro deus da mitologia”<sup>121</sup>.

A diferença inovadora da filosofia de Eddy, era adaptar essa teoria à saúde, à medicina e sistematizá-la de tal forma para que fosse possível demonstrar na prática o princípio das curas efetuadas por Jesus e pelos seus apóstolos durante o cristianismo primitivo. Para tanto, os estudantes da *Massachusetts Metaphysical College*, vinham de diferentes lugares (mesmo de fora dos EUA) para se formarem sanadores espirituais. Os inúmeros relatos de cura a partir dos ensinamentos recebidos nesta faculdade e que aconteciam por meio dos alunos de Eddy enquanto *practitioners*<sup>122</sup> de metafísica que estão disponíveis em um arquivo considerável de periódicos na *Mary Baker Eddy Library* em Boston constituem fonte de pesquisa de valor inestimável para o entendimento da prática da Christian Science.

---

<sup>121</sup> EDDY, M. B. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. Boston: The Christian Science Board of Directors, 2014, p. 579-580

<sup>122</sup> Os formandos na Classe Primária de Ciência Cristã ainda hoje recebem o título de *Christian Science Bachelor* (C.S.B) ou praticistas de metafísica (*metaphysical practitioners*) e os professores

### CAPÍTULO 3: CONCLUSÃO

A Filosofia Feminista é uma teoria de *transformação*, é uma *teoria crítica* uma vez que está engajada com a mudança, está engajada com a aniquilação da reprodução da opressão e da dominação; a filosofia feminista é fazer filosófico, é prática, práxis filosófica, uma vez que é capaz de fazer a diferença em padrões de relacionamentos, comportamentos, na aceitação dos nossos corpos e em como, nós mulheres, nos posicionamos no mundo.

Fazer filosofia feminista, além problematizar conceitos, inclui, do mesmo modo, resgatar as filósofas perdidas e esquecidas nos anais da história patriarcal; pois, sabemos que existiu, e continua a existir, um apagamento muito forte das mulheres na História da Filosofia. Estivemos presentes em, praticamente, todas as escolas filosóficas e os estudos feministas atuais comprovam que não somos meras exceções ou raridades.

Nesta pesquisa, optamos por trazer à luz a vida e a obra de uma pensadora, refletindo sobre as múltiplas possibilidades de se pensar o tempo filosófico e de se escrever a história, mais especificamente a história das mulheres. Uma pensadora que trabalhou conceitos filosóficos e dialogou com o pensamento de seu tempo e de seu contexto histórico. Para concluir este trabalho, portanto, tomamos como referência o conceito de devir-mulher conforme apresentado por Gilles Deleuze e Felix Guattari em *Mil Platôs*, assim como seus conceitos de rizoma e de atitude cartográfica de pesquisa, onde não se busca a verdade de um fenômeno, mas se compromete com “o acompanhar mundos que, mesmo através de linhas provisórias, traçam e/ou estabilizam efeitos de mundos-verdade”<sup>123</sup>.

O primeiro questionamento ao aproximar as reflexões dos dois filósofos franceses da filósofa estadunidense foi: Mary B. Eddy atravessou um “Devir-Mulher”? Podemos associar esse conceito tão vivo à história de vida de uma mulher pertencente à sociedade vitoriana do final do séc. XIX? Uma mulher que fundamenta uma interpretação nova do cristianismo, religião molar no mundo ocidental, poderia estar atravessada e/ou proporcionar atravessamentos moleculares e linhas de fuga ao agenciamento patriarcal a seus leitores e seguidores?

Ora, a resposta para tais perguntas foi, obviamente, um processo de investigação filosófica. Perguntar sobre o devir-mulher existente, pulsante na biografia de Mary B. Eddy é pensar sobre a história da mulher, a história sublocada, apagada da história masculinizada;

---

<sup>123</sup> SIMONINI, Eduardo. **Linhas, tramas cartografias e dobras: uma outra geografia nos cotidianos das pesquisas.** In: GUEDES, Adrienne Ogêda; RIBEIRO, Tiago (Orgs.). **Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas.** Rio de Janeiro: Ayvu, 2019, p.7

apagada com a péssima borracha do machismo, que deixa marcas disformes, marcas que mostram algo por detrás daquela escrita oficial. Responder sobre abarcar ou não uma mulher-devir, é criar uma história, uma (re)conciliação do conceito com amplitude possíveis, de forçar a entrada simbólica do feminino no salão de privilégios reais do homem.

Ao considerarmos as mulheres na história, história essa toda androcêntrica, percebe-se que a vida da “Mulher-Devir” ou daquela que vive em transgressão ao sistema é vista como infame, contraventora, marginal, desocupada, rastejando pelas sombras em silêncio... No entanto, mesmo habitando em espaços periféricos da “verdade oficial”, a força dessas mulheres-devir, a potência do devir-mulher abre brechas, causa fissuras, esvai e escorre sua importância no campo molecular.

Destinadas a serem ninguém indo para lugar nenhum, edificam lugares de resistência, de combate na vida, no espaço comum, nos seus corpos e com suas linguagens. Agenciando às margens, as mulheres constroem intensamente um pensar fronteiro, que emerge da resistência habitual do cotidiano. Antes de salientar a biografia da Mary B. Eddy como uma forma de devir-mulher na história é importante explicar um pouco mais sobre tal conceito basilar para o fluxo de pensamento que finaliza o presente trabalho.

O *devir*<sup>124</sup>, no pensamento de G. Deleuze e F. Guattari, ressignifica a ideia de devir na história da filosofia tradicional. O fluxo dos devires (devir-mulher, devir-animal, devir-criança, etc.) que salta aos olhos do leitor no volume 4 de Mil Platôs, não é um devir nos moldes do pensamento filosóficos de Heráclito e/ou Platão. A antiguidade grega, um dos lugares filosóficos onde se emergiu a discussão do movimento, do “devir”, possui um paradigma dialético; é um devir que surge no cosmo, não na vida molecular, estrita, e, ainda, é unitário na multiplicidade. Isto é, um perene-devir, como pensou Heráclito, carrega uma unidade, uma constância, um “algo perene”. O devir do pensador pré-socrático enraíza o problema na natureza e é fruto de uma guerra entre contrários; não foi por coincidência que Platão, posteriormente, amplia esse sentido para o conceito de Dialética, em que o devir é uma parte efêmera de uma realidade eterna.

Já o devir-mulher pensado pelos franceses é rizomático, disforme e múltiplo em sua

---

<sup>124</sup> Em “Notas descartáveis sobre alguns conceitos” no apêndice final do livro **Micropolítica: Cartografias do Desejo**, Rolnik e Guattari, trazem a seguinte definição para o conceito de “devir”: termo relativo a economia do desejo. Os fluxos de desejo procedem por afetos e devires, independentemente do fato de que possam ser ou não calcados sobre pessoas, sobre imagens, sobre identificações. Assim um indivíduo, etiquetado antropológicamente como masculino, pode ser atravessado por devires múltiplos e, aparentemente, contraditórios: devir feminino que coexiste com um devir criança, um devir animal, um devir invisível, etc. Uma língua dominante (uma língua que opera num espaço nacional) pode ser localmente capturada num devir minoritário. Ela será qualificada de “devir menor”. Exemplo: o dialeto alemão de Praga utilizado por Kafka. (1996, p.318)

condição nômade de pensamento. Não é causalidade, mas sim um atravessamento, é “uma captura, uma possessão, uma mais-valia, jamais uma reprodução ou uma imitação”<sup>125</sup>. Um devir que cria rotas-de-fugas, a fuga para dentro da própria liberdade, a fuga de uma realidade patriarcal para uma realidade de resistência; fugir não significa sair da realidade, ao contrário, é escapar para uma história-outra, criando uma transversalidade que cobre todo e qualquer mundo já experimentado. Fugir é criação.

O pensamento dialético, binário, universalista, que fundamenta a tradição filosófica e a tradição historiográfica, não é e não pode ser o suporte, a sustentação de um devir deleuziano; esse pensamento não é fuga, uma vez que configura o próprio status-quo, o estabelecido; pensando o universal acabou tornando-se o universal na contingência do poder simbólico.

O devir do pensamento contemporâneo de Deleuze acontece somente na molécula, no micro, causando encontros, rompendo sistemas; o devir-mulher vive em um corpo aberto, inacabado, camuflado em meio ao perigo, à espreita de uma brecha de escape ou de um pequeno feixe de luz. Por isso, Deleuze e Guattari elucidam o devir-mulher como um devir minoritário<sup>126</sup>; isto é, tangenciado por aqueles violentados simbolicamente, atropelados pelo poder normatizador, que suspiram na desigualdade econômica e trazem o pior lugar na luta-de-classes.

Todos os devires singulares, todas as maneiras de existir de modo autêntico, chocam-se contra o muro da subjetividade capitalística. Ora os devires são absorvidos por esse muro, ora sofrem verdadeiros fenômenos de implosão. É preciso construir uma outra lógica - diferente da lógica habitual - para poder fazer coexistir esse muro com a imagem de um alvo que uma força seria capaz de perfurar. Isso, sabendo o quanto esse muro pode ser terrível, e como sua demolição implica encontrar meios difíceis e organizados (sem por isso cair no fascismo total) e, ao mesmo tempo, continuar a desenvolver agenciamentos e territórios onde as pessoas se sintam bem.<sup>127</sup>

O “devir-minoritário” é o afastamento da hierarquia, da estratificação dos corpos; estratificações essas que edificam estruturas binárias operando como marcadores de poder e da imposição do real. O devir-mulher é minoritário porque nos proporciona, ao mesmo tempo em que nos desafia, o fazer inserções, o deslocamento, ou a ruptura, do eixo dessas estruturas binárias que violentam silenciosamente consciências e impossibilitam inúmeras vivências.

As vivências do minoritário são devires, pois escapam pela frincha da prisão. Como dito

<sup>125</sup> DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Kafka: por uma literatura menor**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

<sup>126</sup> Todos os devires, não apenas o devir-mulher, são minoritários, segundo Deleuze e Guattari. Devir nunca é maioria, não é o que está posto no campo da representação.

<sup>127</sup> ROLNIK, S.; GUATTARI, F. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 50

anteriormente, são moleculares. Se todos os devires são moleculares, o principal devir, onde tudo tem sua genealogia, em que há uma convergência rizomática de interesses, é o devir-mulher. Se o homem-branco-heterossexual-cristão-ocidental é o universal, o rosto da verdade, do real, do racional, do bom, do belo e do correto; a mulher ocupa, nessa lógica, um lugar de subalternidade, de submissão. Se a colonialidade é branca, heteronormativa e masculina, a mulher em sua condição de ser no mundo é a resistência. O elemento constitutivo do padrão mundial de poder simbólico e econômico é classificado por meio da “hombridade”, conceito que carrega na linguagem a opressão molar de gênero, um sentido que deprecia moralmente aquilo que não o reflete como espelho.

A famosa composição de Caetano<sup>128</sup> na qual o poeta canta “é que narciso acha feio o que não é espelho” ilustra bem essa condição de significância molar que oprime as demais existências. Achar feio aos olhos de quem? Quem define o padrão do feio e do belo? Este é um julgamento estético/moral, que considera feio aquilo que não reflete a si mesmo e nos permite pensar sobre nossa submersão nesse mundo das coisas postas sob a ótica do capitalismo patriarcal-ocidental que, além de, a todo o momento, forçar a manutenção da lógica da opressão, também atua como força política e social para reprimir movimentos, estancar devires, apagar planos de fugas.

Mudar padrões de comportamento e permitir criar, assim, existências outras, é fazer micropolítica. Ainda pensando a partir dos conceitos filosóficos criados por Gilles Deleuze e Félix Guattari, “toda sociedade, mas também todo indivíduo, são atravessados pelas duas segmentaridades ao mesmo tempo: uma molar e outra *molecular*”<sup>129</sup> e portanto, “em suma, tudo é político, mas toda política é ao mesmo tempo *macropolítica* e *micropolítica*”.

É preciso, desfazer esse rosto<sup>130</sup>, que carrega consigo tantas opressões e não apenas a de gênero. Também carrega consigo a opressão molar de raça/etnia, direciona a libido, e o desejo, como estritamente hétero-normativos. Quais são desejos que escapam? Quando é possível escapar?

Os padrões impositivos são normas, em grande parte, não escritas ou dispostas enquanto leis, mas que criam obrigatoriedades e agenciam as pessoas com uma pretensa naturalização das condutas. Assim, tudo aquilo, ou todos(as) aquelas(es), que não possuem esse rosto precisam ocupar um lugar de subalternidade na sociedade e, igualmente, sublimarem seus

<sup>128</sup> Refiro-me à composição “Sampa”, do artista brasileiro Caetano Veloso.

<sup>129</sup> DELEUZE, G. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. 3º vol. São Paulo: Editora 34, 2012, p. 99

<sup>130</sup> Entendo que o conceito de “rostidade” de Gilles Deleuze e Félix Guattari representa o próprio patriarcado que sustenta o capitalismo.

desejos.

A mulher representa o oposto do rosto do homem, a mulher é a revolução, é a crítica à desigualdade e à exploração. A imagem das mulheres negras e periféricas, as diversas Marias do Milton<sup>131</sup>, são o devir-mulher que se esvai dessa rostidade patriarcal-europeia. Rompendo com uma dialética misógina e apresentando a multiplicidade rizomática, a mulher é necessariamente uma linha de fuga.

Ora, se todos os devires já são moleculares, inclusive o devir-mulher, é preciso dizer também que todos os devires começam pelo devir-mulher. É a chave dos outros devires. Que o homem de guerra se disfarce de mulher, que ele fuja disfarçado de donzela, que ele se esconda como donzela, não é um incidente provisório vergonhoso em sua carreira. Esconder-se, camuflar-se, é uma função guerreira; e a linha de fuga atrai o inimigo, atravessa algo e faz fugir o que a atravessa, é no infinito de uma linha de fuga que surge o guerreiro.<sup>132</sup>

Importante salientar a ideia de que esse devir-mulher é um devir-feminino, isto é, um devir que atravessa não apenas as mulheres biológicas ou a figura tradicional da mulher. Ao afirmar que todo devir começa com o devir-mulher, Deleuze e Guattari pulverizam esse devir no mundo do questionamento, no mundo da resistência, na crítica ao mundo capitalista. Não há como minar um sistema masculinizado sem também atacar diretamente a padronização masculina. Assim, o devir-mulher como devir-feminino é a latência da transformação, a pulsão vital que sustenta a revolta contra o capitalismo.

O feminismo também tem isso: ele não coloca só problema do reconhecimento dos direitos da mulher em tal ou qual contexto profissional ou doméstico. Ele é portador de um devir feminino que diz respeito não só a todos os homens e às crianças, mas, no fundo, a todas as engrenagens da sociedade. Aí não se trata de uma problemática simbólica – no sentido da teoria freudiana, que interpretava certos símbolos como sendo fálicos e outros maternos – e sim de algo que está no próprio coração da produção da sociedade e da produção material. E o qualifico de devir feminino por se tratar de uma economia do desejo que tende a colocar em questão um certo tipo de demarcação que faz com que se possa falar de um mundo dominado pela subjetividade masculina, no qual as relações são marcadas justamente pela proibição desse devir. Em outras palavras, não há simetria entre uma sociedade masculina, masculinizada e um devir feminino.<sup>133</sup>

Chegamos no momento do fluxo que é mister a figura da Eddy, que guerreou contra esse poder estabelecido e criou um rizoma, uma nova realidade quando se estabelece como líder

<sup>131</sup> Sobre a canção “Maria, Maria” do compositor mineiro Milton nascimento, mencionada também no primeiro capítulo dessa dissertação.

<sup>132</sup> DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. 4º vol. São Paulo: Editora 34, 2012, p. 74

<sup>133</sup> ROLNIK, S.; GUATTARI, F. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986, p.73



religiosa nesse mundo cristão que em sua essência traz o “pai” como o deus criador. Em um Estados Unidos que ajudou a reforçar essa imagem, essa rostidade patriarcal-branca, Eddy edifica uma representatividade feminina que causa fissuras nesse sistema androcêntrico. Eddy é a concretização de um devir-mulher, pois tem a ousadia de dizer que Deus é também mãe. Eddy e diversas Marias pelo mundo afora, em sua época e em outras épocas, criam raízes disformes em um mundo que não pode mais negá-las. Não dá mais para fingir que essas mulheres-devir não existem, pois elas batem à porta e estão prontas para pensar e mover a vida para uma história-outra.

Ao transitar em possibilidades restritas ao universo masculino, Eddy criou uma nova cartografia. O devir exige um pensamento livre de modelos – neste caso, livre de modelos patriarcais-coloniais representativos. É isso o que buscam as mulheres na história – liberdade, movimento do pensamento, transformação contínua, reconfigurações em movimento – reforçando, como dizem os filósofos franceses, que toda a história passa pelo devir-mulher.

O devir-mulher na historiografia abre possibilidades de questionamento dos jogos essencialistas de identidades formadas pelas narrativas históricas hegemônicas determinantes das políticas de gênero e sexualidade e traz possibilidades de produzir novas subjetividades ainda não capturadas pela forma de existir da colonialidade patriarcal. Nesse sentido, o devir-mulher, como devir minoritário, como resistência, subverte os discursos marcados pelo poder patriarcal, reivindica modos específicos de ser sujeito, transpõe, dribla, constrói linhas de fuga, produz saberes/poderes particulares, locais, regionais, diferenciados, não unânimes e politicamente divergentes e convoca a criação de uma história outra. Trata-se, agora, de uma história que não aprisiona os corpos, os pensamentos, as sensibilidades.<sup>134</sup>

Os filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari, em sua obra *Mil Platôs*, nos chamaram a atenção sobre o espanto de Virginia Woolf ao ser interrogada sobre uma escrita propriamente feminina. Para ela não existia tal coisa, escrever “enquanto mulher”. Seria preciso antes produzir um *devir-mulher* “como átomos de feminilidade capazes de impregnar todo um campo social, e de contaminar os homens, de tomá-los num devir.”<sup>69</sup>

Woolf (2009) não pensa de maneira binária ao classificar sua escrita, ao contrário; ela afirmou que fazia parte da atividade de uma escritora matar o “Anjo do Lar”, aquele fantasma sempre presente para as mulheres da sociedade vitoriana que desejava impedi-las de terem opinião própria, de tratarem questões como a moral, o sexo e as relações humanas com liberdade e franqueza. Essa sombra, esse espectro mental, impunha padrões de comportamento e

<sup>134</sup> TEDESCHI, L.A., TEDESCHI, S.L. **Devir-mulher como potência para uma história outra.** <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/54261>

pensamento, dizendo às mulheres que – se queriam evitar sofrimentos – precisavam agradar, conciliar, serem dóceis, meigas, afáveis e mentir. O “anjo do lar” era a entidade molar, a representação que aprisionava.

Nesse sentido, Deleuze e Guattari (2012), quando discorrem sobre o devir-mulher, afirmam que também as mulheres precisam devir mulher, uma vez que o *devir* significa um processo *molecular* – oposto pelo molar (binário, dual) – que passa pelo “afetamento”, que passa por um corpo sendo tocado por diferentes intensidades que aumentam ou diminuem sua potência de agir. Os afetos são devires e os devires são processos de desterritorialização.

O que chamamos de entidade molar aqui, por exemplo, é a mulher enquanto tomada numa máquina dual que a opõe ao homem, enquanto determinada por sua forma, provida de órgãos e funções, e marcada como sujeito. Ora, devir-mulher não é imitar essa entidade, nem mesmotransformar-se nela. Não se trata de negligenciar, no entanto, a importância da imitação, ou de momentos de imitação, em alguns homossexuais masculinos; menos ainda a prodigiosa tentativa de transformação real em alguns travestis. Queremos dizer que esses aspectos inseparáveis do devir-mulher devem primeiro ser compreendidos em função de outra coisa: nem imitar, nem tomar a forma feminina, mas emitir partículas que entrem na relação movimento e repouso, ou na zona de vizinhança de uma microfeminilidade, isto é, produzir em nós mesmos uma mulher molecular, criar a mulher molecular. Não queremos dizer que tal criação seja o apanágio do homem, mas, ao contrário, que a mulher como entidade molar *tem que devir-mulher (...)*<sup>135</sup>

Nesse sentido, *devir-mulher* ou tornar-se mulher molecular não implica imitar a figura de uma mulher moldada pelo padrão social, masculino, não é identificar-se ou adaptar-se a um modelo, mas é levar sua potência ao impessoal, a um fora do agenciamento capitalista-patriarcal-padrão, rompendo, de certa forma, com o determinante a um sujeito/ade enunciação, moldado/a pela sociedade ocidental; escapando, assim, do funcionamento maquínico da sociedade capitalista estratificada.

Mary Baker Eddy, obviamente, sofreu inúmeros assédios e imposições por parte da sociedade da época que poderiam, inclusive, impossibilitá-la de escrever. Acreditamos que, assim como Woolf, ela precisou vivenciar um processo de desterritorialização para matar o anjo do lar e criar uma escrita livre de amarras. Apoiada em sua própria filosofia que consistia em olhar para si mesma como um reflexo espiritual do/a criador/a, não binário, sem gênero determinado e sem um padrão de funcionamento pré-estabelecido. Ela soube potencializar sua singularidade extraíndo sua força de uma “minoría muda” (Deleuze, Guattari, 2012) ou, talvez, cada vez menos muda pois neste período, final do século XIX, justamente, os movimentos de mulheres começavam a germinar nos países democráticos especialmente em

<sup>135</sup> DELEUZE, G., GUATTARI, F., **Mil Platôs vol. 4**, tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 54, 2012, p. 7

torno ao direito ao sufrágio. Em 1875, Eddy escreveu:

A legislação estabelece diferenças muito injustas entre os direitos dos dois sexos. A Ciência Cristã não oferece nenhuma precedente para tal injustiça, e a civilização a suaviza em certo grau. Contudo, é surpreendente que por costume se conceda à mulher menos direitos do que lhe concede a Ciência Cristã ou a civilização (...)

Se o marido devasso abandona mulher, certamente deve se permitir a mulher ultrajada, e talvez empobrecida, receber seu próprio salário, participar de transações comerciais, possuir imóveis, depositar fundos e ter autoridade sobre os filhos, livre de interferências.<sup>136</sup>

O devir deleuziano é um conceito filosófico que está atrelado a ideia de mudança constante, deixar-se estar nômade. Ainda que os filósofos Deleuze e Guattari conceituem a ideia de devir-mulher em algumas de suas obras, este conceito não costuma fazer parte dos manuais das teorias feministas e de gênero.

“Devir” é certamente e em primeiro lugar mudar: não mais se comportar ou sentir as coisas da mesma maneira; não mais fazer as mesmas avaliações. Sem dúvida, não mudamos a nossa identidade: a memória permanece, carregada de tudo o que vivemos; o corpo envelhece sem metamorfose. Mas “devir” significa que os dados mais familiares da vida mudaram de sentido, ou que nós não entretemos mais as mesmas relações com os elementos costumeiros de nossa existência: o todo é repetido de outro modo.<sup>137</sup>

Os dois filósofos franceses abordados, assim como sua conterrânea e contemporânea a filósofa Simone de Beauvoir, pontuam as imposições que tomam nossos corpos femininos, olhares ou frases que escutamos desde sempre como “não use esta roupa”, “não se comporte dessa forma”, “não seja machona”, “você não é mais uma menina”. Os homens fabricam uma história dominante que rouba a vida, a existência e o futuro das mulheres: somos objetos fabricados para serem desejados pelo masculino e invejado por outras mulheres. Por isso, seria necessário, destruir a mulher binária e inventar uma nova mulher dentro do corpo programado da mulher: uma mulher molecular.

O pioneirismo e a densidade da obra de Mary Baker Eddy são notórios e chamam a atenção não apenas pelo fato de o trabalho ter sido desenvolvido durante um período em que poucas mulheres podiam publicar seus escritos, mas, fundamentalmente, pela relevância do conceito de metafísica desenvolvido por ela. Uma metafísica da cura na qual a pensadora consegue, ao mesmo tempo, abranger os Direitos das Mulheres, os Direitos Humanos e fazer micropolítica.

<sup>136</sup> DELEUZE, G., GUATTARI, F., **Mil Platôs vol. 4**, tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 54, 2012, p. 71

<sup>137</sup> EDDY, M. B. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. Boston: The Christian Science Board of Directors, 2014, p. 63

Eddy utilizou o pronome feminino para se referir a Deus<sup>138</sup>, compôs um não binarismo e uma maternidade (junto à paternidade) da substância da Vida. Estava muito além de seu tempo. Entendia que a luta e o ativismo deveriam visar a igualdade ou uma desconstrução de conceitos enrijecidos e não uma reafirmação do binarismo como, por muitas décadas, considerou grande parte do movimento feminista. Uma vez que há só uma identidade, e esta é espiritual, podemos concluir, mais de um século depois, com as lentes da atualidade e as contribuições que nos trazem hoje os estudos sobre performatividade de gênero, que Eddy foi, de certa maneira, pioneira em uma linha de estudos que surgiria muitas décadas após o período em que viveu. Obviamente, essa afirmação pode parecer imensamente descabida para estudiosos da teoria queer, entretanto, me refiro unicamente ao fato de Eddy elaborar uma teoria em que somos todas e todos reflexos de uma identidade espiritual e que, portanto, enquanto seres humanos refletimos todos os atributos existentes, tanto àqueles tidos como à época como masculinos (força, coragem, razão....) quanto àqueles tidos como femininos (sensibilidade, cuidado, ternura...)

De fato, os seguidores do movimento religioso fundado por ela, não eram simplesmente “donas de casa entediadas e revoltadas com seu papel de mulher”, como afirmaram algumas publicações conservadoras e sexistas do século XIX. Desde sempre, foram homens e mulheres motivados por uma nova perspectiva e entendimento da deidade, assim como, obviamente, pela cura que afirmavam ter vivenciado.

Em uma situação de saber feito exclusivo para homens, em que mulheres não podiam frequentar uma escola formal, Eddy caminha à margem dessa regra e se forma intelectualmente na periferia do saber. Lê obras que constituíam o pilar do saber filosófico ocidental. Problematisa ideias metafísicas que discutem com o aristotelismo, com o platonismo e com o pensamento moderno. Dilui esse deus patrilinear em um deus substância, amorfo, não binário, que é pai e mãe ao mesmo tempo, que é pensamento puro e não matéria corruptível. Não tratando diretamente de estudos de gêneros, pois sua sabedoria foi ligada ao estudo do pensamento enquanto realidade, ela em sua vida engajada no mundo, distorce mais ainda a existência modelo. Em uma sociedade em que a mulher não podia estudar ela fundou uma universidade; na exegese bíblica de um deus pai ela constrói uma deusa mãe; no âmago de uma religião dominada por homens ela se torna uma líder feminina.

---

<sup>138</sup> VORHEEL, A. B. *Woman Question, and Christian Salvation: Finding a Consistent Connection by Broadening the Boundaries of Feminist Scholarship*. In: **Journal of Feminist Studies in Religion**, Indiana: Indiana University Press, vol. 28, nº. 2 p. 5-25, 2012. Neste trabalho, vencedor do prêmio Elisabeth Schüssler Fiorenza New Scholar Award de 2012, Vorheel desenvolve uma pesquisa sobre o uso dos pronomes femininos (*she*, *her* – ela, dela) na obra de Eddy, o que considera toda uma evolução nos estudos teológicos.

Não obstante, ela foi tratada como serpente, como uma daquelas mulheres-bruxas que desejam desestabilizar a família, uma mulher histérica e belicosa que não pode ser ouvida e deve ser silenciada. Eis a condição marginal e minoritária do devir-mulher nitidamente sendo atacado pelo modelo molar de moralidade. Uma mulher que funda uma universidade, cria uma igreja e se torna líder intelectual, incomoda a estrutura do biopoder. Estrutura essa que atua para reforçar a si própria minando a autonomia conquistada/almejada por devires minoritários.

A serpente que rasteja pelos cantos, se camufla por entre as ramagens e dá o bote no tempo perfeito para pegar sua presa, serpente essa que foi associada à figura de Eddy, serve como metáfora para entrar no processo rizomático que foi a vida e o pensar da filósofa estadunidense. Seus perseguidores, representantes do pensamento molar que ataca a autonomia do devir-mulher, apontaram para uma forma de ser enquanto uma linha de fuga; com muita ignorância e preconceito acabaram por metaforizá-la, talvez, com alguma coerência: a serpente não é vista, ela se esguia pelos cantos, “aparece” na sua casa como uma “assombração”, sem saber “de onde saiu”, pois ali não é o lugar dela. A serpente rompe um sistema edificado como seguro, atravessa frestas e arestas que são impensadas, rasteja buscando uma outra realidade; a serpente, quando aparece, aparece devido à linha de fuga.

Eddy passou muitos anos de sua vida camuflada por entre as ramagens do status quo, do machismo violento e estático. Para ter formação intelectual se escondeu na figura da mulher do lar, lendo às margens das universidades... E como uma serpente, quando se apresentou à sociedade como uma pensadora de grande envergadura, como líder de inúmeras pessoas, já estava em um lugar existencial ocupado por um filete de seu rizoma. Quando menos se esperava, aproveitando da invisibilidade feminina estabelecida, Eddy surge como uma potência criativa, preparada intelectualmente e pronta para o enfrentamento com os ignóbeis e despreparados “homens de sabedoria”.

Que um homem de guerra se disfarce de mulher, que ele fuja disfarçado de donzela, que ele se esconda como donzela, não é um incidente vergonhoso em sua carreira. Esconder-se, camuflar-se, é uma função guerreira, e a linha de fuga atrai o inimigo, atravessa algo e faz fugir o que a atravessa; é no infinito de uma linha de fuga que surge o guerreiro; e a linha de fuga atrai o inimigo, atravessa algo e faz fugir o que atravessa; é no infinito de uma linha de fuga que surge o guerreiro.<sup>139</sup>

Ora, a serpente que atravessa os muros da civilização, o guerreiro que se camufla no feminino, foi a forma de operar da mulher-devir Eddy e tem sido a forma de operar de todas as

---

<sup>139</sup> DELEUZE, G. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. 4º vol. São Paulo: Editora 34, 2012, p. 74.

mulheres na história; operam e agem em linhas de fuga, que edificam uma forma difusa de existência que não era pensada pelo modelo estabelecido, que surge como um acontecimento maquinado em silêncio.

Tal como Odisseu se mostra no final da Odisseia, de forma espetacular e reexistindo no antigo espaço, depois de estar camuflado e invisível surge ele como uma nova realidade; assim é a mulher no seu não-território. Se deslocam, trocam de pele, se camuflam e se metamorfoseiam para fugir, para reexistir/construir um espaço outro como sujeito.

Mesmo sabendo que Eddy usa a ideia de serpente como a corrupção da matéria, como o erro, a ilusão, tivemos a ousadia de imprimir uma metamorfose nesse conceito. Comparar Eddy a serpente, conceito que ela usa em sua metafísica como “a primeira delusão de que o erro exista como fato; a primeira alegação de que o pecado, a doença e a morte sejam as realidades da vida”, pode ressoar como uma afronta a sua filosofia, mas definitivamente não é. Quando pensamos uma pesquisa que compreende o processo e não a objetivação de sistemas é possível ampliar a historicidade dos sentidos. Na verdade, o cerne desse problema, de descentralizar tal conceito e buscar uma metáfora marginal para entendermos a “linha de fuga” é perceber o estudo como cartográfico<sup>140</sup>, descentralizado e cheio de variantes, que não se configura de forma unilinear.

Poderíamos, inclusive, traçar uma analogia com o conceito de serpente criado por Eddy. Uma vez que a serpente seria, simbólica ou mitologicamente, a representação do mal, do erro, que em sua teoria é, na verdade, inexistente, apenas uma alegação mentirosa que cria uma delusão para os/as mortais, ilusão de finitude e limitação, a crença na doença e na morte. Eddy venceu a serpente da doença e da morte no momento de sua epifania e pelos 45 anos consecutivos de vida (o dobro da idade que tinha quando do ocorrido em 1866), derrotou a serpente da pobreza que a condenava a não ter seu próprio teto ou a depender sempre da ajuda de terceiros, a serpente da violência doméstica, a serpente da tentativa de homens tomarem seus bens e se apropriarem de suas ideias<sup>141</sup>. Foram inúmeras situações vencidas para poder *devir*,

---

<sup>140</sup> Eis, então, o sentido da cartografia: acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas. É assim que Deleuze e Guattari designam sua Introdução: Rizoma. A cartografia surge como um princípio do rizoma que atesta, no pensamento, sua força performática, sua pragmática: princípio "inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real". (Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade / orgs. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. - Porto Alegre: Sulina, 2009.)

<sup>141</sup> A partir de seus 80 anos de idade Eddy enfrentou situações diversas como notícias falsas geradas pela imprensa sobre sua suposta morte e que havia uma sósia trabalhando em seu lugar ou um processo jurídico de amigos próximos motivados pela ganância a tomar seus bens com a alegação de que ela não era mais capaz de administrar seus assuntos. Uma junta de médicos e advogados a avaliou pessoalmente em mais de uma ocasião e anulou o processo, considerando-a totalmente apta. O próprio advogado da ação, William Chandler, após a entrevista com ela afirmou: “ela tem um raciocínio afiado como uma armadilha de aço” (FERGUSON, I, FREDERICK, V.H.,

para permitir atravessar-se e criar atravessamentos. Nesse sentido, muito se faz relevante, ao menos, apontar para uma nova possibilidade de pesquisa e construção do saber acadêmico que não se manifesta na metodologia tradicional e objetivista. Para isso elucidamos o problema de um “método cartográfico”<sup>142</sup> que foi muitas vezes utilizado aqui como forma de entender um processo.

Elaborar uma filosofia partindo de uma figura feminina não é bem-visto, mesmo para os dias de hoje. Compreender e observar esse processo é também ser afetado por ele. Assim, um modelo construtivista, que separa o sujeito e o objeto, que não articula o conhecimento como desejo e implicação serviria muito pouco para contribuir para esse trabalho. Uma investigação que parte da filosofia de Eddy deve sempre romper paradigmas e buscar um caminho de “intervenção”. Devemos produzir uma expansão do conceito de cognição e atrelar esse conceito à ideia de criação. Dessa forma, valorizar o processo e não uma única ideia central, associando o método ao mundo de multiplicidades, de uma existência que não cabe em um caminho linear de começo meio e fim.

Por isso, a escolha de trazer a cartografia para a conclusão desse trabalho. O conhecimento que produz subjetividade e afeta a todas/os as/os envolvidas/os atravessa esse estudo em movimento e vem a estabelecer-se no “fim” do processo porque aponta para um horizonte de novas possibilidades; usamos a palavra fim entre aspas pois não é o fim no sentido metodológico, mas um “fim” no sentido de fechar um texto; todavia o rizoma está em formação.

Esse texto continua, pois, é capaz de produzir no(a) leitor(a) subjetividades não capturadas pela representação, pelo molar. Vivemos numa sociedade capitalística onde até mesmo as subjetividades encontram-se agenciadas:

Subjetividades sendo produzidas por todos os lados em agenciamentos insuspeitos, materializando-se no cotidiano, em nossas relações familiares, afetivas, institucionais, libidinais. Nesse “admirável mundo novo” povoado de máquinas de subjetivação a nós apresentado por Deleuze e Guattari, talvez se possa lançar a pergunta acerca das características da produção de subjetividade(s) na contemporaneidade. Em que contexto sócio-histórico ela se dá, e que subjetividades são majoritariamente produzidas? Há de fato uma produção de subjetividade(s) altamente diferenciada(s) ou, ao contrário, o que se tem é uma função subjetiva hegemônica e homogeneizante de todas as outras formas de existir?<sup>143</sup>

---

2017, p.207)

<sup>142</sup> Pensando a filosofia deleuziana seria mais apropriado falar em “atitude”, em vez de “método” cartográfico, uma que “método” é do campo da representação. Entretanto, utilizamos a palavra método aqui para uma melhor abstração do leitor do tipo de estudo que nos propomos a fazer nesta pesquisa.

<sup>143</sup> LOBO MIRANDA, L.; BARROS SOARES, L. **Produzir subjetividades: o que significa?** Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v9n2/artigos/html/v9n2a10.html#:~:text=O%20conceito%20de%20agenciamento%20de,DELEUZE%3B%20GUATTARI%2C%201995>). Visto em 19 de outubro de 2003.

A cartografia como método de “pesquisa-intervenção”<sup>144</sup> implica em uma orientação do trabalho pouco prescritivo e não pensando em regras prontas e estabelecidas que viriam a extrair da pesquisa somente aquilo que se espera normativamente dela. Essa pesquisa me atravessou a todo o momento, por vezes, forçou aberturas para as quais eu não me encontrava preparada ainda para pensar, para sentir, mas que trouxeram contentamentos, produzindo encontros potentes com o pensar nos mais puros moldes espinosistas, aqueles bons ventos que sopram trazendo potência de existir. Usar um conceito de forma (re)significante ou até mesmo subverter um conceito é parte do processo da atividade cognitiva. Não existe esse sujeito cognitivo prévio e muito menos um mundo preestabelecido; filosofar, pesquisar é configurar o eu no mundo e em seu domínio cognitivo.

Guattari, em *O inconsciente maquínico*, elucida alguns princípios da esquizoanálise. Um deles foi o de “Não Impedir”, pois atrapalhar o processo em curso com regras calcadas na limitação do pensamento por princípios que são construídos pelo modelo-padrão de verdade positivista mata qualquer pulsão criativa. “Toda ideia de princípio deve ser considerada suspeita” e o fluxo de pensamento criador deve ser valorizado inicialmente. Eddy afirmava que o Princípio não principia, pois é infinito; e a infinitude não pode ter princípio, meio e fim.

Quer dizer então que esse trabalho tem um modelo “acêntrico” de construção? Chegamos em um modelo cartográfico por excelência em que não existe palavra de ordem nem regras previamente estabelecidas? Duvido muito. Tal direção metodológica é muito mais densa e exige mais tempo para ser arquitetado; aqui tivemos a intenção de mostrar que o caminho dessa investigação filosófica sobre Mary Baker Eddy é somente o começo de um processo que pode culminar em uma alteração profunda da mulher e seu lugar existencial. Eddy e as inúmeras mulheres que nos levam para uma história-outra, que por meio de linhas de fuga e camuflagens alargam a realidade e desestabilizam estruturas.

O desejo incólume da pesquisa é sempre elaborar uma existência concomitante entre conhecer e fazer, entre pesquisar e intervir. Aqui não é possível desdobrar tal iniciativa, pois como disse o cantor e compositor Lenine em uma entrevista dada em um tempo longínquo, temos que desistir de uma obra, visto que ela nunca estará acabada. Poeticamente e - por que não - filosoficamente, Lenine nos leva para a ideia de que o processo é infinito e múltiplo. Desistir de uma obra não é finalizá-la e sim adormecê-la; deixar um cochilo breve para que ela possa ser, doravante, não ponto de partida pois é rizoma sem ordem preestabelecida, mas sim

---

<sup>144</sup>PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L., **Pistas do Método da Cartografia: pesquisa, intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.



ponto de inspiração para outras novas reflexões criativas, mergulho para outras experiências e outros devires. Deixamos assim essa obra, aberta para ser continuada, trilhada, atravessada por nós, ou por quem desejar se aventurar.

#### 4. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ARRUZZA, C.; BHATTACHARYA, T.; FRASER, N. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. São Paulo: Boitempo, 2019.

Blogs Unicamp. **Mulheres na Filosofia: Enciclopédia Mulheres na Filosofia**. Org. Profa Dra. Iara Frateschi. Disponível em: < <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/> >, visto em outubro de 2022 em ocasião da Anpof e diversas outras vezes como 20 de agosto de 2023; 3 de setembro de 2023 e 5 de outubro de 2023.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: 1.Fatos e Mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

\_\_\_\_\_ **O segundo sexo: 2. A experiência Vivida**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BUTLER, J. **Desfazendo Gênero**. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Ano Zero – Rostidade**. In: **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia , vol 3**. Trad. Guerra Neto, A.; Oliveira, A.L.; Leão, L.C.; Rolnik, S. São Paulo: Editora 34, 2012.

\_\_\_\_\_ **Devir-intenso, devir-animal, devir-imperceptível**. In: **Mil Platôs vol. 4**, tradução de Suelly Rolnik. São Paulo: Ed. 54, 2012.

\_\_\_\_\_ **F. Kafka: por uma literatura menor**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

EDDY, M. B. **A Unidade do Bem**. Boston, Massachusetts, USA: The Christian Science Board of Directors, 2010.

\_\_\_\_\_ **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. Boston, Massachusetts, USA: The Christian Science Publishing Society, 2014.

\_\_\_\_\_ **Escritos Miscelâneos**. Boston, Massachusetts, USA: The First Church of Christ, Scientist, 1990.

\_\_\_\_\_ **Retrospecção e Introspecção**. Boston, Massachusetts, USA: Trustees under the will of Mary Baker Eddy, Portuguese edition, 1972.

\_\_\_\_\_ **La Primera Iglesia de Cristo, Científico y Miscelánea**, Boston, Massachusetts, USA: The Christian Science Board of Directors, Spanish Edition, 2007.

FEDERICI, S. **Mulheres e a caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais**. São Paulo: Boitempo, 2019.

VON FETTWEISS, Y.C.V; WARNECK, R.T. **Uma Vida Dedicada à Cura**. Boston, Massachusetts, USA: The Christian Science Publishing Society, 2003

FERGUSON, I; FREDERICK V, H. **Um mundo mais Luminoso: a vida de Mary Baker Eddy**. Boston, Massachusetts, USA: The Christian Science Publishing Society, 2012.

GOLDSCHMIDT, V. **Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos**, In: **A Religião de Platão**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963.

GORDON, Ann D., **The problem of Human History**; SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**, in: BUARQUE DE HOLLANDA, H. **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

GOTTSCHALK, S. **Rolling Away the Stone: Mary Baker Eddy's Challenge to Materialism**. Church History , Volume 76 , Issue 1 , March 2007 , pp. 211 - 213  
Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0009640700101751> Visto em 20 de abril de 2022.

LOBO MIRANDA, L.; BARROS SOARES, L. **Produzir subjetividades: o que significa?**

Disponível em:

[http://www.revispsi.uerj.br/v9n2/artigos/html/v9n2a10.html#:~:text=O%20conceito%20de%20agenciamento%20de,DELEUZE%3B%20GUATTARI%2C%201995\).](http://www.revispsi.uerj.br/v9n2/artigos/html/v9n2a10.html#:~:text=O%20conceito%20de%20agenciamento%20de,DELEUZE%3B%20GUATTARI%2C%201995).)

Visto em 19 de outubro de 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997

**Mary Baker Eddy Library**. Disponível em:

<https://www.marybakereddylibrary.org/research/what-are-considered-the-major-editions-of-science-and-health/> > Visto em 27 de setembro de 2023

MCDONALD, J.A. **Mary Baker Eddy and The Nineteen Century Public Woman: a feminist reappraisal.** in: **Jornal of Feminist Studies in Religion.** Indiana: Indiana University Press, vol. 2, nº. 1 (Spring, 1986).

MELO, A; OTHERO, B.; DUARTE, C. **Poéticas do Devir-Mulher: ensaios sobre escritoras brasileiras.** Belo Horizonte: Letramento, 2019.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L., **Pistas do Método da Cartografia: pesquisa, intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

PEEL, R. **Mary Baker Eddy, Years of Discovery.** Boston: The Christian Science Publishing Society, 2003.

\_\_\_\_\_. **Mary Baker Eddy, Years of Trial.** Boston: The Christian Science Publishing Society, 2003.

\_\_\_\_\_. **Mary Baker Eddy, Years of Authority.** Boston: The Christian Science Publishing Society, 2003.

REALE, G. **Introdução à Aristóteles,** Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2012.

ROLNIK, S.; GUATTARI, F. **Micropolítica: cartografias do desejo.** Petrópolis: Vozes, 1996.

SIMONINI, Eduardo. **Linhas, tramas cartografias e dobras: uma outra geografia nos cotidianos das pesquisas.** In: GUEDES, Adrienne Ogêda; RIBEIRO, Tiago (Orgs.). **Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas.** Rio de Janeiro: Ayvu, 2019, p. 73-92.

TEDESCHI, L.A., TEDESCHI, S.L. **Devir-mulher como potência para uma história outra.** Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/54261>

VORHEEL, A. B. **Woman Question, and Christian Salvation: Finding a Consistent Connection by Broadening the Boundaries of Feminist Scholarship.** In: **Journal of Feminist Studies in Religion,** Indiana: Indiana University Press, vol. 28, nº. 2 p. 5-25, 2012.

## ANEXO I

### Imagens

1. Pintura feita sobre fotografia da propriedade rural onde nasceu Mary Baker Eddy em Bow, New Hampshire. A imagem original é do ano de 1898. A pintura é de James Gilman de 1981.<sup>145</sup>



---

<sup>145</sup> Disponível em: <https://www.marybakereddylibrary.org/mary-baker-eddy/mary-baker-eddy-deep-read/>



2. Eddy em sua juventude. Estima-se que a fotografia seja dos primeiros anos da década de 1840, data certa desconhecida. Imagem pertencente à *Longyear Museum Collection*.

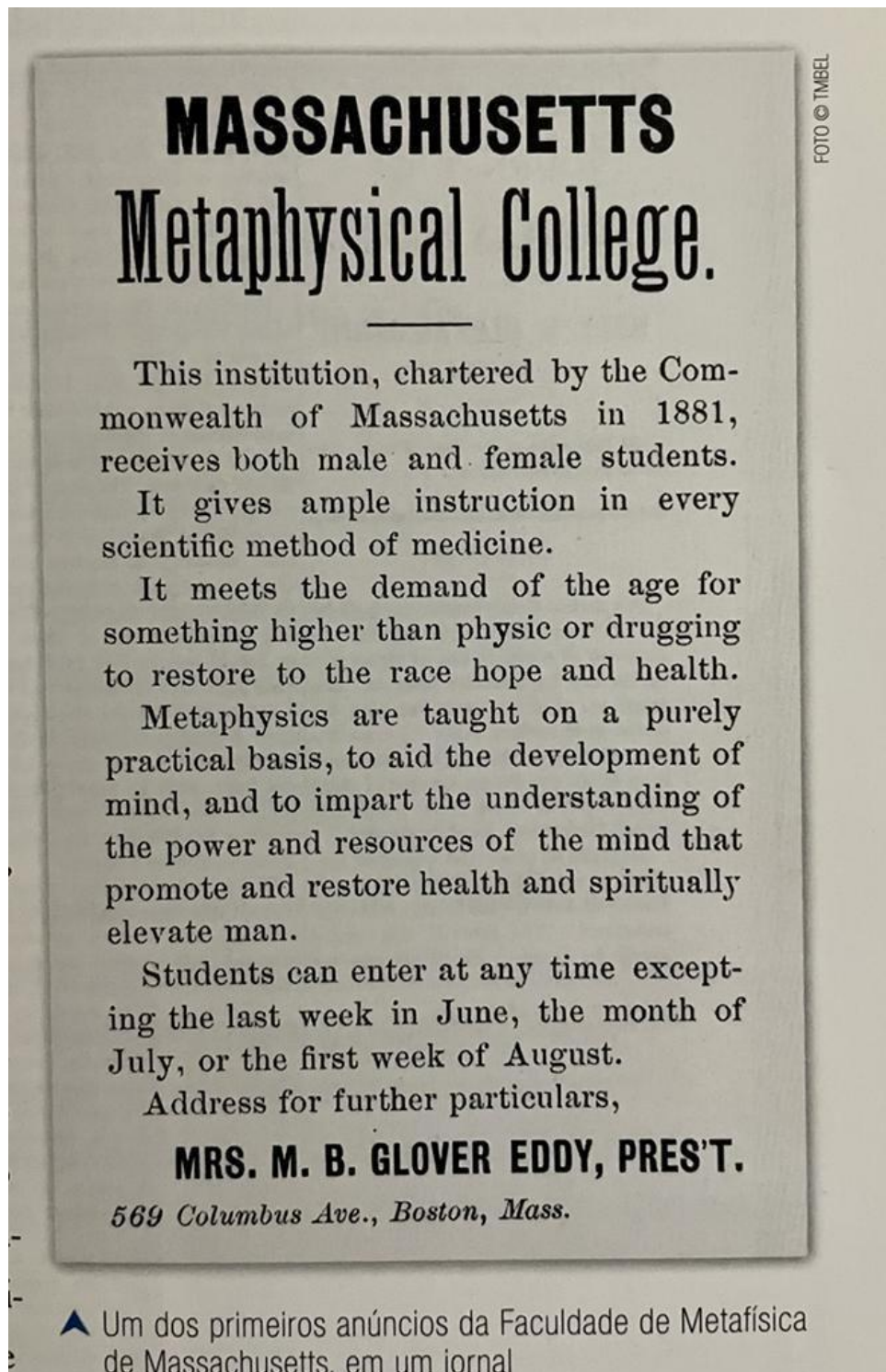


3. Nota em jornal local, de 1866, sobre a queda de Eddy e a natureza dos ferimentos. A notícia é de que a Sra Mary Patterson caiu sobre o gelo na esquina das ruas Market e Oxford ficando seriamente ferida e se encontrava em condição crítica após ser removida para sua residência em Swampscott devido às lesões internas.

## *LYNN REPORTER* February 3, 1866

Mrs. Mary Patterson of Swampscott fell upon the ice near the corner of Market and Oxford streets on Thursday evening and was severely injured. She was taken up in an insensible condition and carried into the residence of S. M. Bubier, Esq., near by, where she was kindly cared for during the night. Dr. Gushing, who was called, found her injuries to be internal and of a serious nature, inducing spasms and internal suffering. She was removed to her home in Swampscott yesterday afternoon, though in a critical condition.

4. Folheto publicitário do ano de 1881 da Faculdade de Metafísica de Massachusetts em Boston, anunciando que, também, admitiam estudantes do sexo feminino.<sup>146</sup>



**MASSACHUSETTS**  
**Metaphysical College.**

This institution, chartered by the Commonwealth of Massachusetts in 1881, receives both male and female students.

It gives ample instruction in every scientific method of medicine.

It meets the demand of the age for something higher than physic or drugging to restore to the race hope and health.

Metaphysics are taught on a purely practical basis, to aid the development of mind, and to impart the understanding of the power and resources of the mind that promote and restore health and spiritually elevate man.

Students can enter at any time excepting the last week in June, the month of July, or the first week of August.

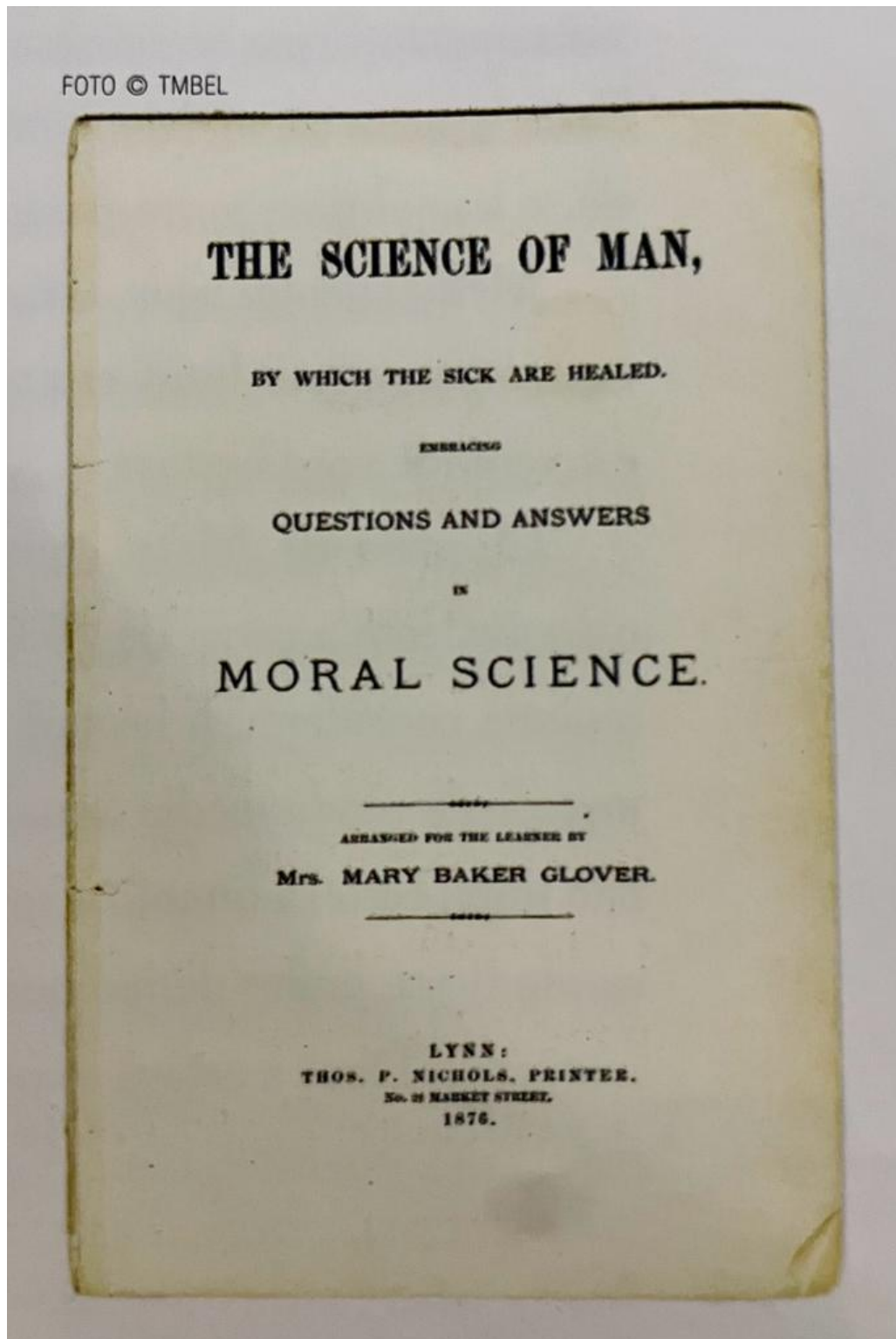
Address for further particulars,  
**MRS. M. B. GLOVER EDDY, PRES'T.**  
*569 Columbus Ave., Boston, Mass.*

▲ Um dos primeiros anúncios da Faculdade de Metafísica de Massachusetts, em um jornal

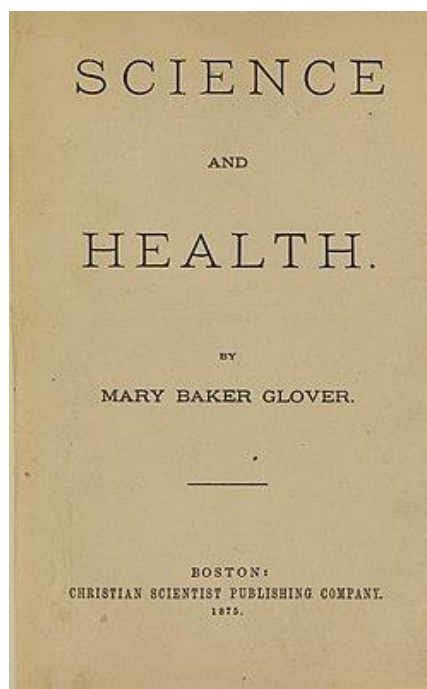
<sup>146</sup> Retirado de FERGUSON, I; FREDERICK V, H. **Um mundo mais Luminoso: a vida de Mary Baker Eddy.** Boston, Massachusetts, USA: The Christian Science Publishing Society, 2012.



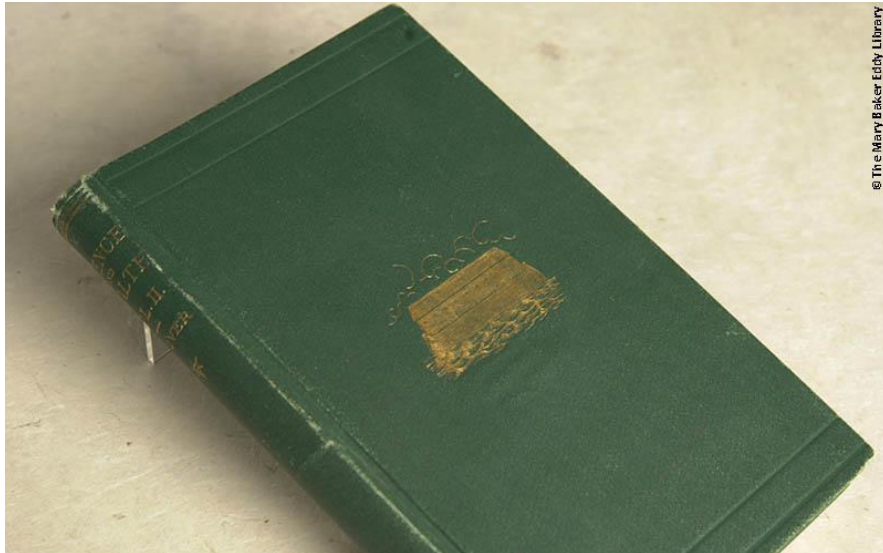
5. Manuscrito entregue para os estudantes das aulas de Eddy na Faculdade de Metafísica, publicado em 1876, versão preliminar do livro “Ciência e Saúde” intitulado: “A Ciência do Homem pela qual os doentes são curados”.



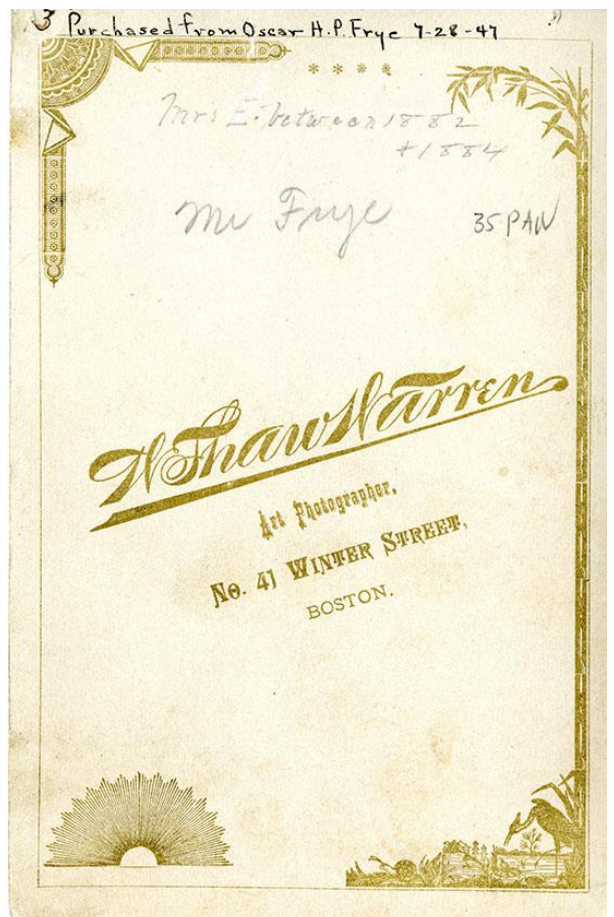
6. Primeira edição do livro Ciência e Saúde com a Chave das escrituras. Ano 1875.



7. Segunda edição de Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras conhecida como “Ark Edition”, edição da Arca, devido à ilustração na capa. Ano 1878. Essa edição incluía um capítulo intitulado “Metafísica”.



8. Retrato de Mary Baker Eddy com então de 63 anos de idade, sentada em seu escritório, feito em 1884.





9. Edição mais recente em língua portuguesa do livro *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*.

